

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Artes - Campus de São Paulo

Naomi Lustosa (Ingrid Naomi Barbosa Lustosa)
Jenis Barcelar (Jennifer Barcelar Gomes)

ENTRE O IMAGÉTICO E O POÉTICO:
O Afeto como Caminho Possível na Educação Artística

São Paulo - SP
2023

Naomi Lustosa (Ingrid Naomi Barbosa Lustosa)
Jenis Barcelar (Jennifer Barcelar Gomes)

ENTRE O IMAGÉTICO E O POÉTICO:
O Afeto como Caminho Possível na Educação Artística

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes São Paulo, da Universidade Estadual Paulista, para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais, sob orientação da Prof^a Dra Renata Pedrosa Romeiro.

São Paulo - SP
2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

L972e Lustosa, Naomi (Ingrid Naomi Barbosa Lustosa), 1994-
Entre o imagético e o poético : o afeto como caminho possível na educação
artística / Naomi Lustosa, Jenis Barcelar. -- São Paulo, 2023.
149 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Renata Pedrosa Romeiro.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte - Estudo e ensino. 2. Arte na educação. 3. Educadoras. 4. Afeto
(Psicologia). I. Barcelar, Jenis (Jennifer Barcelar Gomes), 1999- . II. Pedrosa,
Renata (Renata Pedrosa Romeiro). III. Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Artes. IV. Título.

CDD 701.15

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

Naomi Lustosa (Ingrid Naomi Barbosa Lustosa)
Jenis Barcelar (Jennifer Barcelar Gomes)

ENTRE O IMAGÉTICO E O POÉTICO:
O Afeto como Caminho Possível na Educação Artística

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Artes São Paulo, da Universidade Estadual
Paulista, para obtenção do título de Licenciada em
Artes Visuais, sob orientação da Profª Drª Renata
Pedrosa Romeiro.

Aprovadas em: 18 / 10 / 2023

Profª Drª Renata Pedrosa Romeiro

Profª Drª Regina Helena Pereira Johas

Profª Drª Rita Luciana Berti Bredariolli

Agradecimentos

Agradecemos a todas as participantes das oficinas e a nossa orientadora Renata Pedrosa que, sem elas, as oficinas e essa pesquisa não teriam acontecido. Agradecemos a Rita Bredariolli e Regina Johas pela disponibilidade, troca e aprendizado. Também gratificamos nossa rede de afeto pela escuta, apoio e incentivo, aos gatos por todo carinho e alívio cômico, e a nossa coragem que nos propicia ímpeto para enfrentar os desafios.

"O modo como você sente, o modo como
você vive, o modo como você compartilha seus
sentimentos, é assim que você ensina."

Audre Lorde

Resumo

Esta pesquisa apresenta nossas experiências didáticas como arte-educadoras no escopo do ensino não formal, atravessadas pela compreensão e investigação do conceito de Afeto na filosofia, na educação e nas artes visuais. Partimos da hipótese de que o afeto e a prática artística são agentes de revolução política e social, com reverberações coletivas e individuais. A partir de duas oficinas, *Caminhos Possíveis: Intervenções em Fotografias* e *Caminhos Possíveis: Intervenções em Livros*, a pesquisa investiga as potencialidades poéticas e afetivas da fotografia, da escrita e do livro, como suporte para intervenções e criações artísticas e como agentes dessas mudanças, tocando as subjetividades individuais, bem como produzindo efeitos que podem se expandir para o coletivo. Seguimos então, com um olhar sensível para o ensino-aprendizado, estimuladas por perguntas acerca das percepções e das relações que nos atravessam, a fim de olhar para novas perspectivas didáticas.

Palavras-chaves: afeto; arte-educação; intervenção; oficina; imagem.

Abstract

This research presents our didactic experiences as art educators within the scope of non-formal education, guided by an understanding and investigation of the concept of Affection in philosophy, education, and visual arts. We start from the hypothesis that affection and artistic practice are agents of political and social revolution, with collective and individual reverberations. Through two workshops, "Possible Paths: Interventions in Photography" and "Possible Paths: Interventions in Books," the research explores the poetic and affective potential of photography, writing, and books as mediums for artistic interventions and creations, as well as agents of these changes, touching individual subjectivities while producing effects that can extend to the collective. We proceed with a sensitive approach to teaching and learning, driven by questions about the perceptions and relationships that intersect with us, in order to explore new didactic perspectives.

Keywords: affection; art education; intervention; workshop; image.

Riassunto

Questa ricerca presenta le nostre esperienze didattiche come educatori artistici nel contesto dell'insegnamento non formale, guidate dalla comprensione e dall'indagine del concetto di Affetto nella filosofia, nell'educazione e nelle arti visive. Partiamo dall'ipotesi che l'affetto e la pratica artistica siano agenti di rivoluzione politica e sociale, con riverberi collettivi e individuali. Attraverso due laboratori, "Possibili Percorsi: Interventi nella Fotografia" e "Possibili Percorsi: Interventi nei Libri", la ricerca esplora il potenziale poetico e affettivo della fotografia, della scrittura e dei libri come mezzi per interventi artistici e creazioni, nonché agenti di questi cambiamenti, toccando le soggettività individuali mentre producono effetti che possono estendersi al collettivo. Proseguiamo con un approccio sensibile all'insegnamento e all'apprendimento, guidati da domande sulle percezioni e sulle relazioni che ci attraversano, al fine di esplorare nuove prospettive didattiche.

Parole chiave: affetto; educazione artistica; intervento; laboratorio; immagine.

SUMÁRIO

1	Introdução	16
2	Afeto na filosofia e na educação	19
3	Relatos de experiências didáticas	22
3.1	Oficina <i>Bagagem de Mão</i> • Jenis e Naomi	22
3.2	Monitoria no ateliê de marcenaria e serralheria • Jenis	24
3.3	Técnica no ateliê de gravura • Naomi	26
3.4	Oficina <i>Monotipia Botânica</i> • Naomi	27
3.5	Partilha de História de Vida • Jenis	28
3.6	Oficinas de marcenaria • Jenis	30
4	Oficinas desenvolvidas: Caminhos Possíveis	32
4.1	Intervenções em Fotografias	35
4.1.1	Preparação para a Oficina	35
4.1.2	Relato da Oficina	49
4.1.3	Formulário de Pesquisa - Intervenções em Fotografias	51
4.1.4	Conclusão sobre a Oficina	83
4.2	Intervenções em Livros	85
4.2.1	Preparação para a Oficina	85
4.2.2	Relato da Oficina	91
4.2.3	Formulário de Pesquisa - Intervenções em Livros	94
4.2.4	Conclusão sobre a Oficina	107
5	Impressões enquanto arte-educadoras	108

6	Conclusão	116
	Referências	118
	Apêndices	120
A	Formulário de inscrição <i>Intervenções em Fotografias</i>	120
B	Formulário de inscrição <i>Intervenções em Livros</i>	121
C	Cronograma <i>Intervenções em Livros</i>	122
D	Formulário de Pesquisa <i>Intervenções em Fotografias</i>	123
E	Balanço de respostas do Formulário de Pesquisa <i>Intervenções em Fotografias</i>	128
F	Formulário de Pesquisa <i>Intervenções em Livro</i>	137
G	Apresentação teórica do encontro <i>Intervenções em Fotografias</i>	143
H	Apresentação teórica do encontro <i>Intervenções em Livros</i>	143
I	Flyer de divulgação das oficinas	144
J	Trabalho em versão impressa	146

1 Introdução

O texto que ora apresentamos discorre sobre a investigação do afeto como ferramenta política e de criação de mudanças sociais e pessoais. A partir da proposição de oficinas artísticas, relatamos aqui a concepção e desdobramento de práticas que envolvem técnicas de intervenção em imagens, textos e objetos tridimensionais, além da análise destas práticas, das produções das participantes e do nosso posicionamento enquanto artistas e arte-educadoras.

Para continuar a compreensão do desenvolvimento dessa leitura, antes, gostaríamos de pontuar duas escolhas políticas e conscientes que norteiam o projeto. Primeiramente, escolhemos investigar o afeto em dupla, como co-autoras. Enquanto seres sociais, entendemos que em grupo temos mais potência de atuação. Sendo assim, essa é uma compreensão para a escolha de trabalharmos juntas na elaboração deste trabalho, que se potencializa e reverbera no pulsar da nossa amizade e na nossa criação artística e educacional.

A segunda diz respeito a preferência do uso do pronome feminino para referenciação coletiva e individual, posto isso, o uso do pronome masculino ocorre apenas de modo intencional. Como diz a escritora e ativista feminista Brigitte Vassallo: "A linguagem é um instrumento e, como tal, deve comprimir-se, expandir-se, transformar-se, reinventar-se a cada linha. A linguagem não se empobrece com transformação: ela se empobrece com o enrijecimento." (Vassallo, 2022). Ainda que enxerguemos que o mundo está imerso dentro do sistema binário e não queremos negligenciar nenhuma identidade de gênero, inclusive a existência da não-binariedade, escolhemos o feminino, como defende Brigitte, numa forma de rebeldia.

Iniciamos o trabalho com uma reflexão sobre os significados de afeto, passando pelos Afetos Biopolíticos, conceito que abarca reflexões desenvolvidas por diversos filósofos, tais como Espinosa, Safatle e Foucault. O contato com esse conteúdo nos ajudou a compreender que o afeto pode ocorrer em diversas expressões, tais como alegria, ódio, amor, desamparo, medo e coragem, que são algumas formas de classificar sentimentos individuais ou coletivos.

Trazemos a base argumentativa da importância do afeto na sociedade e seguimos com relatos de experiências educativas prévias a essa pesquisa. Para a presente investigação, desenvolvemos duas oficinas intituladas *Caminhos Possíveis: Intervenções em Fotografia* e *Caminhos Possíveis: Intervenções em Livro*, que partem da nossa própria produção poética fotográfica e textual, optando, junto à intervenção na matéria, por essas linguagens como disparadores e ferramentas para analisarmos questões afetivas, tanto pessoais quanto coletivas. Dado que os afetos são relativos, buscamos que eles atravessassem as vivências, sem buscar conclusões, apenas aproximações.

A partir da conceitualização e dos resgates, as oficinas são comentadas e descritas, abarcando as experiências de cada participante por meio de formulários aplicados ao final dos encontros. Por fim, trazemos os nossos aprendizados enquanto arte-educadoras, com reflexões permeadas pela didática como poética de criação.

Questões como: O que há de importante em uma pessoa conhecer a si? Como isso modifica as relações e conexões consigo e com o outro? É possível uma mudança coletiva social a partir do contato consciente com os afetos? De que modo as artes visuais e a educação são meios para esses acontecimentos? Qual a relação que podemos estabelecer entre o afeto na didática e o afeto no fazer artístico? - trilharam o nosso trabalho investigativo. Encontramos nessa trajetória,

teorias acerca de como a criação de novos percursos utópicos são fundamentais para revoluções sociais e de como é importante para isso conscientizar-se do afeto, de como ele age em nós e nos outros, e qual é a sua potência de transformação.

2 Afeto na filosofia e na educação

É a partir da definição e da raiz da palavra "afeto" que esta pesquisa se inicia. De origem latina, *affectus* significa "disposição", "estar inclinada a", e sua etimologia provém de *afficere*, que corresponde a afetar, e significa fazer algo a alguém, influir sobre. Em nossos diálogos sobre educação artística e suas possibilidades de agenciamentos, entendemos que qualquer indivíduo está sujeito a ser afetado pelo ambiente social. Por meio deste raciocínio, como relata Almeida (1999), "a inteligência não se desenvolve sem afetividade, e vice-versa, pois ambas compõem uma unidade de contrários", ou seja, os atravessamentos provindos da educação e sua práxis são responsáveis pelo desenvolvimento do ser.

Enquanto sujeitos pertencentes a uma comunidade social e em constante inter-relação, somos agentes de manutenção ou revolução. É necessário, portanto, trazer uma consciência para o fazer, o pertencer e o reconhecer-se:

"O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito da história."
(FREIRE, 1996. p.54)

Como afirma Espinosa "por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída" (*Ética* III, Def 3), isto é, o movimento consciente de se afetar é político, afinal eu faço parte do mundo e, sendo sujeito-agente, posso manter este agenciamento ou diluí-lo. Sendo assim, afetar e ser afetado, tanto negativa quanto positivamente, é um agente de mudanças. Tais agenciamentos estão presentes nos papéis que exercemos

enquanto realizadoras, espectadoras e receptoras de ações. Pela perspectiva do educador Paulo Freire, observamos que a educação e a política são duas esferas que se interseccionam, e que:

“A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. Daí sua politicidade, ou seja, a impossibilidade de se separar educação e política. Aliás, uma tal separação entre educação e política ingênua ou astutamente feita, enfatizemos, não apenas é irreal, mas perigosa.” (FREIRE, 2001b, p.172)

Em vista dos pensamentos elaborados anteriormente, buscamos entender como este mecanismo pode funcionar principalmente dentro do espaço da educação não formal, uma vez que acreditamos que o processo de ensino-aprendizado ocorre nas mais diversas situações e contextos do cotidiano, principalmente por meio de trocas entre as pessoas. Como cantou Belchior, “ainda sou estudante da vida que eu quero dar”.

A partilha, por exemplo, é um caminho para uma dinâmica constante de ensino e aprendizagem, de doação e escuta em relação ao que temos para oferecer e receber. Nesse movimento, possibilitamos entrar em contato com a subjetividade do outro, e com a nossa própria. Audre Lorde confirma esta percepção ao afirmar que "existe algo a ser aprendido ao compartilhar um sentimento verdadeiro entre duas ou mais pessoas; comunicar é ensinar - tocar - realmente tocar outro ser humano é ensinar - escrever poemas de verdade é ensinar - cavar boas trincheiras é ensinar - viver é ensinar" (LORDE, p. 103-104).

Os afetos são fatores intrínsecos à realização dos encontros e precisamos ser inteiras em todos os espaços, principalmente quando estamos no lugar de educadoras, pois "se eu não trouxer tudo o que sou ao que estiver fazendo, então

não trago nada, ou nada de valor duradouro, pois omiti minha essência." (LORDE, p. 104). Quando somos educadoras, somos também poetisas e humanas e, desse modo, vivenciamos a inteireza nos espaços e ações que nos inserimos. O envolvimento com a criação ocorre quando estamos íntegras nos momentos de educar, aprender ou escrever. A partir desse pensamento, entendemos a didática como poética de criação.

3 Relatos de experiências didáticas

Em nossa jornada enquanto educadoras, tivemos experiências em dupla e individuais que foram enriquecedoras para o entendimento da prática na educação. Tais experiências se apresentaram em diversas formas dentro do ensino não formal a partir de 2021, contribuindo para criação, manutenção e desenvolvimento de novas oficinas, aulas e mediações até então.

3.1 Oficina *Bagagem de Mão* • Jenis e Naomi

online • 2021

Durante o ano de 2021, fizemos parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) junto com outras estudantes do Instituto de Artes da UNESP. Nesse período, devido ao contexto pandêmico, os encontros aconteciam *online* e, enquanto não era possível retornarmos à escola, decidimos em conjunto que poderíamos desenvolver oficinas e praticá-las entre nós. Percebendo um solo comum a ser investigado, partimos para uma co-criação de oficina, chamada *Bagagem de Mão*, vivenciada tanto nesse grupo quanto em outras oportunidades. Nesta oficina, fomos movidas pelo diálogo entre as artes visuais e a bioescrita¹, isto é, a escrita de e sobre si como meio de reflexão.

Estas áreas foram correlacionadas a partir da observação de sinestésias entre as cores, o espaço físico e o espaço da memória, de forma a propiciar que os sentidos guiassem os desejos e as expectativas sobre o futuro. Esse movimento

¹ No plano textual, Bioescritas diz respeito aos gêneros ligados às escritas de si (autobiográficas e autoficcionais), às escritas da intimidade (diários, cartas), às escritas do Outro (biografias, autobiografias), mas também ao gênero ensaístico, criando possibilidades imaginativas, ou híbridas (no dizer de Silviano Santiago) para escrituras ou reescrituras de vidas artísticas.” Chiara, Ana. *O Conceito de Bioescrita*. 2017.

reflexivo foi importante, principalmente por estarmos, naquele momento, restritas ao espaço de nossas casas, em decorrência do isolamento social - um cenário que muitas vezes não nos permitia pensar muito além do momento presente. Para viajar, o mais seguro era usar a imaginação.

A oficina teve início com um convite às participantes para uma viagem imaginária, na qual pedíamos que montassem uma mala hipotética, elencando alguns itens para compor esta mala, de acordo com o desenvolvimento da prática. A lista era feita de maneira silenciosa e ficava a critério da participante compartilhar, ou não, com as demais, os itens desta lista na última etapa da oficina.

A primeira parte da prática consistia na observação do espaço doméstico no qual cada participante se encontrava. Para escolha do primeiro item da mala, foi colocada a seguinte questão: “O que você sempre vê neste ambiente que não consegue ignorar?”, sendo proposto que isso poderia ser da coisa mais insignificante como uma marca na parede, até algo mais relevante, como uma janela quebrada. A partir da escolha, foi realizado um registro na mala-caderno para, em seguida, propor-se outra questão: “O que esse objeto/imagem causa em você?”, numa tentativa de estimular o registro de sentimentos e emoções. Por fim, havia a proposição de anotar a resposta de uma terceira questão, um desdobramento da segunda: “Qual a cor dessa sensação?”.

O segundo momento da oficina correspondia a um trajeto. Cada participante procuraria em sua casa um objeto que tivesse a cor escolhida, trazendo para perto de si, e recordaria a partir desta cor, uma lembrança na qual esta estivesse presente, para então registrar, na mala-caderno, uma palavra ou frase que remetesse a essa memória.

A partir deste percurso, a última etapa consistia na criação de uma carta do seu "eu do futuro" para o seu "eu do agora". Com esse deslocamento ficcional, as participantes se projetaram para um futuro imaginário, ao mesmo tempo que nostálgico. Nesse instante, para estimular a percepção da participante e mapear sua condição naquele momento, fizemos diversas indagações, no sentido de instigar a escrita da carta, como: Quantos anos você tem?; Com quem você está? Ou está sem ninguém?; Esse lugar é claro ou escuro? É colorido?; entre outras. Por fim, incentivamos o compartilhamento do conteúdo da mala-caderno por meio de uma escuta ativa e participativa de todas as presentes.

Mediamos essa oficina três vezes com públicos diferentes, para assim ampliar o entendimento das múltiplas formas de percepção das participantes. Em cada mediação, buscamos uma condução parecida com pontos de vista e aberturas afetivas diferentes, dado que nossos laços com as pessoas eram distintos.

Neste momento, junto a toda experiência no PIBID, começamos a assimilar de forma mais intensa e consciente a extrema importância dos aspectos afetivos e poéticos na criação didática para a construção do papel de arte-educadoras. Percebemos a potência do espaço educacional e artístico como um lugar de criação e de olhar sensível para as relações, tanto individuais, quanto interpessoais, dentro de um ciclo presente na relação de ensino-aprendizagem.

3.2 Monitoria no ateliê de marcenaria e serralheria • Jenis

Instituto de Artes UNESP • junho - dezembro 2022

No período de junho a dezembro de 2022 fui a única monitora acadêmica do ateliê de marcenaria e serralheria, inicialmente sob supervisão do professor e

doutorando, Lucas Costa, e a partir de agosto da professora Dra. Renata Pedrosa. Durante toda a monitoria fui responsável pelo cuidado do maquinário e manutenção do espaço em geral, acompanhando as aulas e projetos das estudantes das disciplinas de Fundamentos da Linguagem Tridimensional e Linguagem Tridimensional III e IV, abrindo o ateliê às quartas a tarde e quintas-feiras o dia todo.

Houve o monitoramento de todos que utilizam o espaço do ateliê, incluindo também estudantes de Artes Cênicas e Música, e com o desenvolvimento prático de seus trabalhos. Além disso, houve a constante verificação e do inventário das máquinas e materiais de uso coletivo, limpeza, organização e manutenção do espaço, ensino da utilização correta de EPIs e maquinários.

Foi uma oportunidade de amadurecimento, ensino e aprendizagem, não só para as estudantes que transitavam por lá, mas para mim também que, pelo afastamento da universidade em 2020 e 2021 em decorrência da pandemia de Covid-19, tive um hiato no aprendizado prático na área da tridimensionalidade.

Antes da monitoria, meu conhecimento do funcionamento do ateliê de marcenaria era limitado, uma vez que tinha cursado parte das disciplinas tridimensionais de modo *online*. Por esse motivo, foi importante essa experiência, a qual propiciou a convivência com discentes, além do funcionamento do ateliê, propiciando tornar o espaço mais acolhedor e vivo. A monitoria também permitiu uma remuneração mensal, a primeira por um tempo contínuo e significativo, abrindo minhas perspectivas para trabalhar como educadora no futuro.

Após alguns desafios iniciais para me familiarizar com o espaço, no decorrer do tempo fui ensinando às estudantes tudo que eu aprendia, ou aprendíamos juntas, tornando cada momento uma troca importante em nosso crescimento. A monitoria ampliou meus conhecimentos acerca da

tridimensionalidade, linguagem que já estava começando a desenvolver, e me ajudou a entender que, além da educação estar em todos os espaços, eu me sinto muito contente acompanhando e auxiliando no desenvolvimento de projetos.

3.3 Técnica no ateliê de gravura • Naomi

Sesc Pompéia • março 2022 - junho 2023

No ambiente educativo do Sesc Pompeia, estive como assistente educacional e técnica de ateliê com dois professores de gravura, Francisco Maringelli (Chicão) e Augusto Sampaio, com turmas que incluíam pessoas adultas e idosas. A gravura foi uma área técnica que, durante a graduação na UNESP e devido à pandemia, tive um primeiro contato de modo *online* e alternativo e, por isso, estar inserida neste ambiente era sempre frutífero e desafiador.

No primeiro semestre, por não conhecer tão bem o espaço e a prática da gravura, passei por um período de adaptação, tanto para me familiarizar e localizar os materiais, como para entender a limpeza e a manutenção do equipamento e, também, como seria essa prática artística no dia-a-dia. Neste momento, a presença acolhedora do Chicão foi fundamental para me tranquilizar e poder ensinar, assim como aprender, junto com todas as estudantes. Foi então que percebi o quanto me interessava estar com outras pessoas discutindo sobre fazer arte. As dúvidas e os *insights* aconteciam coletivamente e me vi contente nessa dinâmica.

No ano de 2023, troquei de professor e passei a acompanhar o Augusto. Essa mudança foi extremamente interessante por propiciar a observação, de perto, de outro modo de ensinar e aprender. Nessas novas aulas, a dinâmica trazida pelo

professor era bem diferente da experiência anterior. Aprendi outras formas de enxergar e fazer gravura, assim como de planejar e conduzir os encontros.

A todo momento, tanto com quem ministrava as aulas quanto com as participantes, senti acontecer a aprendizagem na travessia. A troca, o acolhimento, o erro, foram fundamentais para que desejasse, cada vez mais, estar em ambientes educacionais, principalmente, os não formais.

3.4 Oficina *Monotipia Botânica* • Naomi

Sesc Pompéia • janeiro 2023

Entre o período de trabalho como assistente educacional no Ateliê de Gravura do Sesc Pompeia, fui convidada a ministrar oficinas no Sesc Verão para crianças a partir de 5 anos, com uma proposta de aprendizagem e criação de monotipias botânicas. Para essa atividade, contei com a presença de uma assistente que acompanhou os três dias de oficinas, assim como a pré-produção que envolvia a organização de materiais e do espaço para as atividades.

Esta foi a primeira experiência como arte-educadora de crianças e em uma instituição externa à UNESP. Para além do aprendizado com a organização prévia, como testar a oficina e a dinâmica com a assistente, os momentos mais significativos do processo de educação vieram principalmente a partir do contato com a diversidade de crianças e suas singularidades.

Iniciava a oficina perguntando a todas as pessoas o que conheciam sobre a gravura e, após esse contato inicial, a técnica era compartilhada. Em seguida, todas praticavam, buscando uma autonomia no processo. No decorrer das atividades, começaram a surgir as particularidades na educação e no aprendizado. Algumas crianças produziram obras com mistura de técnicas que não haviam sido

previamente ensinadas e mostravam encantamento pelas descobertas. Outras, aprendiam a lidar com a frustração da espera do equipamento compartilhado ou ainda do resultado que não correspondia à ideia que haviam elaborado na matriz. Além disso, as responsáveis, ao perceberem o interesse de suas crianças (ou até deles mesmos), indagaram como poderiam reproduzir a mesma técnica em suas casas com materiais alternativos.

As oficinas de gravura foram frutíferas para aprender a deslocar meu diálogo com pessoas adultas para crianças no ensino artístico. Também trouxeram perspectivas para práticas futuras com um público de faixa etária mais ampla.

3.5 Partilha de História de Vida • Jenis

Instituto de Artes UNESP • abril 2023

Durante a disciplina Ensino das Artes Visuais ministrada pela Prof^a Dra. Rejane Coutinho, no Instituto de Artes da UNESP, as participantes foram instigadas a compartilhar suas histórias de vida com as colegas de turma e, pra mim, foi mais um momento de compreensão sobre o afeto na educação, assim como da satisfação que posso ter no espaço educacional.

Foram muitos os processos mentais e auto-analíticos da minha história pessoal, não só como artista e arte-educadora, mas como sujeito que se deixa atravessar pelos acontecimentos e vivências cotidianas. Durante todo esse redemoinho de percepções e espaços de memória, consegui traçar um caminho que me levou a um intenso entendimento: a paixão pela percepção de imagens, desde criança, norteia até hoje a maneira como trabalho. Me propus a, não só compartilhar minha história pessoal e artística, mas também o desenvolvimento

analítico acerca dela. Foi um momento de conectar pontos da minha trajetória de vida que levaram aos processos artísticos que desenvolvo.

Além da partilha, disponibilizei fotografias autorais, recortes de escrita e materiais para intervenção e criação, instigando a turma a uma prática de criação artística. Essa prática propiciou momentos de escuta ativa no compartilhamento da minha história artística e do fazer manual, propiciando experimentações de materiais, contato com a fotografia impressa e trocas de reflexões sobre como podemos nos afetar pelas imagens, histórias e o espaço/tempo.

Vivi um momento de profunda troca, afetando e me deixando afetar por minhas expectativas em relação à turma, entre as descobertas com os trabalhos criados, os comportamentos e questionamentos que surgiram da experiência.

Acredito na importância desse momento como impulsionador da minha vontade de educar, uma vez que vivenciei uma partilha de experiências e afetos que se mostraram fundamentais para o entendimento do meu papel como arte-educadora e da compreensão de que educar é também aprender. Conhecer-me dessa maneira, e me fazer conhecida, despertou um interesse em continuar a pensar sobre as possibilidades de estabelecer relações com pessoas e em como o espaço educacional pode ser uma ferramenta relacional.

"Nessas condições, aprender dá-se como prova testemunhal de uma espécie de ato íntimo, não obstante, infinitamente aberto, de um professor que 'canta com voz divina entre ruínas'. como escreve Álvaro de Campos." (PESSOA, 1986, p. 369 *apud* GROPPA, CORAZZA, LAMEDA ADÓ, 2018, p. 182)

3.6 Oficinas de marcenaria • Jenis

Sesc Pompéia • abril - junho 2023

Posteriormente ao trabalho desenvolvido como monitora do ateliê de marcenaria e serralheria da UNESP, ingressei como arte-educadora de oficinas para iniciantes e monitora do ateliê de marcenaria no Sesc Pompéia. Intercalando os fins de semana com outro arte-educador, ministrei oficinas abertas ao público adulto em geral, por um período de três horas, que contemplavam noções básicas de marcenaria na construção, de início ao fim, por meio da criação de objetos lúdicos, os quais todas as participantes podiam se apropriar e levar consigo.

Quanto às oficinas para iniciantes ministradas aos sábados, criei a aula chamada *Jogo da Velha Portátil*, a qual consistia na criação de um jogo da velha de madeira que se fecha numa caixa pequena. Também administrei outra oficina para a criação de uma *Gaveta de Memória*, em que as participantes constroem uma caixa/gaveta explorando cortes, encaixes, acabamentos e várias outras técnicas básicas de marcenaria.

Essas oficinas me possibilitaram criar e administrar aulas para públicos diversos, aprendendo, enquanto repetia as práticas. Pude reorganizar meu método de ensino, bem como a distribuição dos materiais e o gerenciamento das demandas das participantes. Foi um momento para testar e lapidar, na prática, o ensino.

Quanto à monitoria, permaneci no ateliê de marcenaria aos domingos por um período de três horas para manutenção do espaço e auxílio a todas que transitavam pelo ateliê, geralmente estudantes dos cursos regulares do semestre que vinham para trabalhar nos seus projetos ou interessados em conhecer as

práticas do ateliê. Foi um momento já bem familiar, no qual tive muito prazer em assistir os projetos pessoais e cuidado com o ambiente formativo e de criação.

A convivência no Sesc Pompéia, bem como com os arte-educadores e técnicos de ateliê de lá, expandiu minhas noções de criação no coletivo, uma vez que cada ateliê se alimenta e se transforma num espaço de interdisciplinaridade completamente aberto, experimental e vivo.

4 Oficinas desenvolvidas: Caminhos Possíveis

Visando ambientes de educação não formal, o conceito de afeto e suas implicações foram fundamentais para elaboração das práticas que serão descritas a seguir. Intituladas *Caminhos Possíveis*, as oficinas foram assim chamadas pela possibilidade de proporcionar ambientes artísticos onde pudéssemos instigar as participantes a criarem diferentes modos de intervir em imagens, com o uso de textos e de outros materiais. Procuramos, nessa etapa, investigar o afeto como instrumento de mudança e compreender as diversas formas de afetação.

Criamos então, as oficinas *Caminhos Possíveis: Intervenções em Fotografia* e *Caminhos Possíveis: Intervenções em Livros* para prática e análise dos afetos envolvidos na criação artística através de intervenções em materiais já existentes. Escolhemos o ato de intervir como uma ferramenta metodológica de ensino para que as participantes começassem a criar com suportes e disparadores pré-determinados, facilitando seus processos de criação e sua afetação. Sempre tivemos interesse em propor trajetos diversos para a criação poética e interferência nas materialidades que fossem, ao mesmo tempo, objetivas e subjetivas, envolvendo as pessoas em um espaço de acolhimento e escuta em nosso segundo movimento conjunto de arte-educação.

Cada oficina teve um foco artístico distinto. Primeiro, na bidimensionalidade, a oficina de intervenções em fotografias visa, além do processo artístico da colagem e da fotomontagem, trazer referências artísticas que tangenciam questões autobiográficas. Já a oficina de intervenções em livros busca estabelecer uma conexão com a tridimensionalidade, por meio da construção e da desconstrução, partindo da assemblagem.

Em ambas proposições, buscamos observar o afetamento² causado tanto pela dimensão material quanto pelo conteúdo das imagens. Neste processo, as reações das participantes, assim como seus interesses, pausas para observações e histórias relatadas advindas das memórias, foram aspectos enriquecedores para o ambiente afetivo que buscamos construir.

Ao final das oficinas, disponibilizamos um formulário com questões que poderiam ser analisadas posteriormente para constatações mais objetivas da experiência. Através de perguntas como “Você teve dificuldades de intervir nas fotografias impressas?” e “Que aspectos do livro escolhido influenciaram na sua escolha?”, conseguimos compreender, por exemplo, que a intervenção em fotografias impressas não eram práticas usuais para o grupo. Dessa maneira, também compreendemos melhor a escolha dos materiais para as oficinas e tempo para a prática e para reflexão para demais proposições educativas.

Ambas foram ministradas durante o mês de maio de 2023 no ateliê de pintura do Instituto de Artes da UNESP, sendo a oficina *Caminhos Possíveis: Intervenções em Fotografia* realizada no dia 17 de maio e a oficina *Caminhos Possíveis: Intervenções em Livros* nos dias 24 e 31 de maio. A divulgação foi feita via e-mail para todo o corpo discente com chamadas para a inscrição³, além de *flyers* fixados pelos andares da universidade, com intuito de abarcar todos os cursos do Instituto.

² Afetamento: Palavra inexistente no dicionário da Língua Portuguesa, mas que explicita o conceito de "ato de afetar" dentro desse contexto.

³ Ver apêndices

Fotografia 1 - Apresentação da oficina *Caminhos Possíveis:*
Intervenções em Fotografia



Fonte: LUNA, Alyce. Fotografia, 2023.

4.1 Intervenções em Fotografias

4.1.1 Preparação para a Oficina

Para a criação da oficina *Caminhos Possíveis: Intervenções em Fotografias*, ministrada (até o momento de escrita dessa pesquisa) uma única vez, com duração de três horas, buscamos iniciar o processo de intervenção nas imagens instigando à reflexão pessoal e autobiográfica, questões que serviram de ponto de partida para a criação poética.

Os materiais disparadores foram fotografias autorais e de escrita, assim como palavras soltas e trechos de poesias de nossa autoria e de outros autores. Elas foram selecionadas com o objetivo de estabelecer um campo comum de vivências, tangenciando assuntos universais e fornecendo propulsores para escritas e reescritas criativas.

Quanto às fotografias, partimos de uma seleção de imagens que vão desde paisagens do cotidiano, urbano e da natureza, até foto-performances, além de momentos capturados no nosso dia-a-dia. Almejávamos atingir os mais diversos campos subjetivos imagéticos e memoriais das participantes, a fim de criar a possibilidade de afetamentos pessoais, uma vez que “as imagens se configuram como relação íntima de pertencimento, identidade e sentidos [...]” (QUINTAS, 2011, p. 15).

Reconhecemos que as sensibilizações e identificações seriam diversas tanto por conta do conteúdo subjetivo das imagens e/ou escritos quanto pelas formas, cores e composições. Como disse Roland Barthes (1980, p. 16), “seja o que for o que ela dê a ver e qualquer que seja a maneira, uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos”, ou seja, vemos a fotografia tanto em sua dimensão

técnica/estética, quanto pelos seus referentes e os signos que nos atingem de forma subjetiva. Sendo assim, é possível sermos atravessadas pelas imagens de múltiplas formas e, desse modo, possivelmente propiciar a criação poética autoral.

Fotografia 2 e 3 - Mesa disposta com fotografias e textos para a prática de intervenção



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografias 4, 5, 6 e 7 - Fotografias disponibilizadas para prática de intervenção



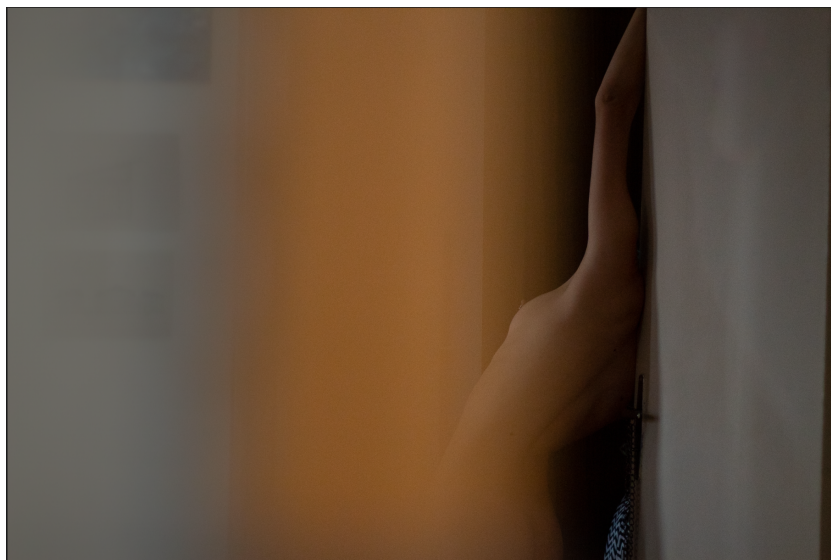
Fonte: Fotografia Jenis Barcelar (2023)



Fonte: Fotografia Jenis Barcelar (2023)



Fonte: Fotografia Naomi Lustosa (2023)



Fonte: Fotografia Naomi Lustosa (2022)

Trouxemos imagens do nosso acervo particular e abrimos um espaço de intimidade que coloca em questionamento, também, o papel artístico da fotografia na percepção pessoal. Ou seja, para muitas pessoas, a fotografia não é vista como material artístico, mas como veículo de registro do cotidiano, por isso, é banalizada, em meio a proliferação das imagens, transformando experiências em registros imediatos. Esse movimento, que caracteriza a fotografia atualmente, ocorreu principalmente após a disseminação e a acessibilidade tecnológica das últimas décadas.

No dia-a-dia, as imagens passam pela nossa vista de forma rápida e passageira, em propagandas espalhadas pelo espaço público, em redes sociais no celular, na internet dos computadores, podendo assim, tornar-se facilmente uma overdose imagética diária. Hoje, fotografar é tão fácil que esta prática já faz parte do cotidiano pessoal e social, principalmente com a virtualidade e difusão da imagem.

Nesta oficina, ao trazermos fotografias impressas para intervenção de forma ativa e construtiva, fornecemos um espaço para conexões subjetivas com a imagem, para além da materialidade do papel, e criamos também a possibilidade de que um desejo se expresse em novas realidades construídas a partir da desconstrução:

“Uma foto é tanto uma pseudopresença quanto uma prova de ausência. Como o fogo da lareira num quarto, as fotos — sobretudo as de pessoas, de paisagens distantes e de cidades remotas, do passado desaparecido — são estímulos para o sonho. O sentido do inatingível que pode ser evocado por fotos alimenta, de forma direta, sentimentos eróticos nas pessoas para quem a desejabilidade é intensificada pela distância. [...] Todos esses usos talismânicos das fotos exprimem uma emoção sentimental e um sentimento implicitamente mágico: são tentativas de contatar ou de pleitear outra realidade.” (SONTAG, 1977, p. 14-15)

Em nossas mãos, a imagem se apresenta no espaço material físico, afetando diretamente os sentidos corporais e os espaços imagéticos e subjetivos - construções que se estabelecem tanto pela significação da imagem quanto pelas possibilidades de narrativas criadas pelo espectador. “Saber mirar es un sistema completamente nuevo de agrimensura espiritual. Saber mirar es un modo de inventar” (DALÍ, 1927)⁴, e assim, nos projetamos para a imagem com a possibilidade da intimidade, abrindo caminhos para a percepção poética e interferência, a partir dos sentidos e dos desejos, dando espaço para invenção e criação de novos mundos.

Fotografia 8 - Exemplos de materiais diversos fornecidos para a prática de intervenção



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

⁴ “Saber olhar é um sistema completamente novo de topografia espiritual. Saber olhar é um modo de inventar.” (tradução nossa)

Para a construção das obras, disponibilizamos às participantes materiais diversos, tais como papéis, tecidos, linhas, tintas e outros objetos, para que todas tivessem uma rica variedade de possibilidades de intervenção. Como impulsionador desse processo, a técnica da colagem foi apresentada no início da oficina, seguida de uma proposição prática para impulsionar a criação artística.

Um das referências foi a artista Hanna Höch (Alemanha, 1889 - 1978), precursora da fotomontagem⁵ e trabalhos de colagem. Ela se tornou uma forte inspiração para a técnica apresentada, uma maneira de instigar o início das criações das participantes. Seu trabalho se concentrava na criação visual bidimensional, utilizando-se principalmente de recortes de imagens para suas montagens, além de se colocar, enquanto artista, como um veículo para conexões. A passagem:

"Acima de tudo, eu gostaria de retratar o mundo como uma formiga o vê, então amanhã como a lua o vê e, então, como muitas outras criaturas o vêem. Eu sou, no entanto, um ser humano, e posso usar minha fantasia, presa como sou, como uma ponte."
(HÖCH, [s.d.])

foi um disparador poético, tanto para nós, enquanto arte-educadoras, quanto para as participantes. Assim, iniciamos direcionando o olhar poético para nós mesmas, ao mesmo tempo em que nos colocamos de forma ativa e consciente, durante todo o processo prático, reflexivo e, possivelmente, também após a oficina.

⁵ O movimento de colagem tem origem européia, por volta do ano 1910, com práticas artísticas que se caracterizam pela colagem de diferentes materiais sobre uma superfície. Já a fotomontagem, se difere pela composição de colagem, manual ou digital, tendo fotografia como o material central e construindo uma imagem nova de caráter fotográfico. Atualmente, existe um diálogo sobre as definições dessas duas técnicas junto com o termo de fotocolagem, a qual se caracteriza pela colagem de diversos materiais junto à fotografia, sem a aplicação de uma finalidade fotográfica.

Figura 1 - Fotomontagem de Hanna Höch



Hanna Höch
Cortado com a Faca de Cozinha Dada através da última Época Cultural de Barriga de cerveja de Weimar na Alemanha, 1919
 Fotomontagem
 114 x 90 cm
 Fonte: DEMENCOCK, Blog Rocirda (2010).
 Disponível em: [Rocirda Demencock: Colagem, apropriação, redirecionamento](#)

Figura 2 - Colagem de Hanna Höch



Hanna Höch
Sem Título (de um museu etnográfico), 1930
 Colagem
 48.3 x 32.1 cm
 Fonte: EDUCATION, Aegis. (s.d.). Disponível em: [HÖCH. Hannah - Aegis Education](#)

Intervir na imagem é, portanto, o ato de re-criação utilizando-se dos aspectos imateriais e materiais da fotografia e de outros objetos, assim como da própria subjetividade e, conseqüentemente, da poética de cada um. É uma busca da construção de novos nexos e visualidades que podem partir tanto de fragmentos que se remontam, como na colagem e fotomontagem, quanto pela interferência direta na imagem, sem a adição de novos materiais.

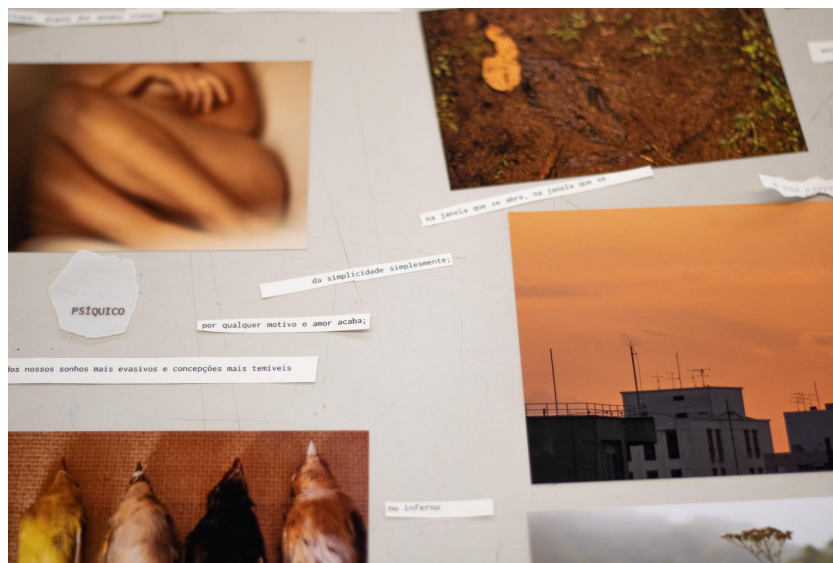
Com a popularização da reprodutibilidade técnica, a imagem foi utilizada nos mais diversos contextos, como em jornais, revistas, registros policiais, documentários e em registros familiares, cada vez mais dominando o nosso cotidiano. As fotografias sempre foram recortadas, adaptadas, ampliadas, envelhecidas e adulteradas, porém, como mostra Susan Sontag, "fotografar é, em essência, um ato de não intervenção", pois quem faz o clique da foto está, por um instante, fora do evento capturado. Entretanto, "mesmo que incompatível com a intervenção, num sentido físico, usar uma câmera é ainda uma forma de participação. [...] Tirar uma foto é ter um interesse pelas coisas como elas são, pela permanência do status quo." (SONTAG, 1977, p. 12-13). Dessa forma, quem faz o clique da fotografia está presente no espaço-tempo da captura com a câmera, ao mesmo tempo que fora dele, como espectador da cena, e a fotografia resultante desse momento de presença-ausência é passível de toda forma de intervenção.

A fotografia entrega um testemunho de momentos e signos do mundo, a imortalidade de um evento depois que ele se finda, e com a onipresença da câmera nos tempos atuais, é comum a procura de momentos, relevantes ou banais, para serem perpetuados através da captura de imagens. As intervenções vão desde o momento de registro, como na obra *Salto no Vazio* do artista Yves Klein (1928-1962), ou passando por recortes, colagens e escritos na imagem física ou virtual, até a possibilidade de "apagar" alguém de registros.

Alterar uma imagem pode significar alterar o próprio tempo? Quando nos propomos a realização de uma alteração direta na fotografia, muitas vezes o mote é a vontade do desapego do objeto representado e uma intervenção no tempo, ainda que exista um número infinito de possibilidades de manipulação. Portanto, o ato de intervir numa imagem pode ser tanto estético, artístico, objetivo, utilitário (como por exemplo na propaganda), como desafiador, íntimo e simbólico.

Talvez, a preservação da fotografia esteja ligada com a ideia de representação de uma imagem, e dessa forma, alterar uma imagem também pode ser um ato de violência, interferindo no que ela simboliza.

Fotografia 9 - Recortes de textos fornecidos para a prática de intervenção e escrita poética



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

O texto é suporte para invenção e escrita autobiográfica, apresentando-se como uma imagem diferente da fotografia. O suscitar das imagens na literatura é subjetivo e singular, afinal cada pessoa forma mentalmente a sua própria versão.

Já a fotografia apresenta de forma direta e concreta, apesar do espaço para interpretação pessoal continuar existindo.

Conhecer-se é fortalecer-se e ter a oportunidade de agregar pessoas e situações que atravessam nosso percurso. Portanto, através da fotografia e da bioescrita, a autobiografia é também vista como suporte criativo e conectivo, uma vez que nossas histórias pessoais compartilham o imaginário coletivo e assim ganham um caráter cultural.

Para falar de autobiografia nas artes visuais, trouxemos como referência para a turma antes da prática da oficina, a artista Rosana Paulino (1967 - São Paulo, Brasil) e o artista Juanan Requena (1983, La Mancha - Espanha), bem como outros exemplos visuais. As escolhas desses artistas ocorrem pelo entendimento de que a investigação subjetiva e ativa pessoal pode ser um disparador para a criação artística e, também, para novas perspectivas de mundo.

Rosana traz em suas obras de modo plástico e visual, a sua própria narrativa e pesquisas antropológicas de seus antepassados. Seus trabalhos são feitos em diversas mídias, como escrita, gravura, bordado e intervenção em fotografias, e têm como objetivo principal investigar a posição da mulher negra na sociedade brasileira e a violência sofrida por esta população por decorrência do racismo e das marcas deixadas pela escravidão. Dessa forma, a artista projeta sua história para criação de suas obras se colocando sempre presente nelas.



Rosana Paulino

¿História natural?, 2016

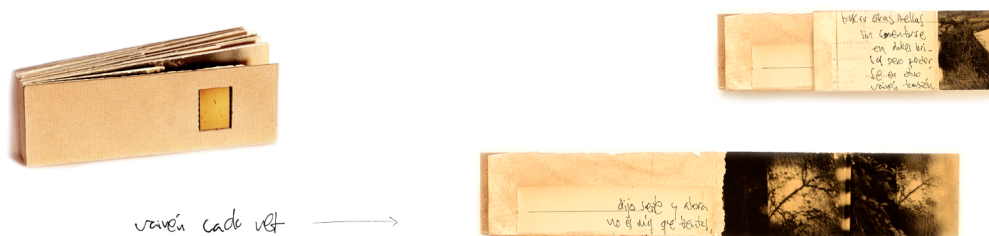
Livro de artista, técnica mista sobre imagens transferidas em papel e tecido,
linoleogravura, ponta seca e costura

31,5 x 42,5 x 33,5cm

Fonte: PAULINO, Rosana. Portfólio online. Disponível em: <https://rosanapaulino.com.br/>

O artista espanhol Juanan Requena também tem um trabalho autobiográfico e de caráter intimista, baseado na construção de diários e livros de artistas, utilizando-se da fotografia e da escrita poética para criação. Nos seus livros de artista fica evidente o convite para a interação com o público pela possibilidade de manuseio da obra, fazendo com que o espectador seja também afetado pela aproximação e toque do trabalho.

Figura 6 e 7 - Obras de Juanan Requena



Juanan Requena

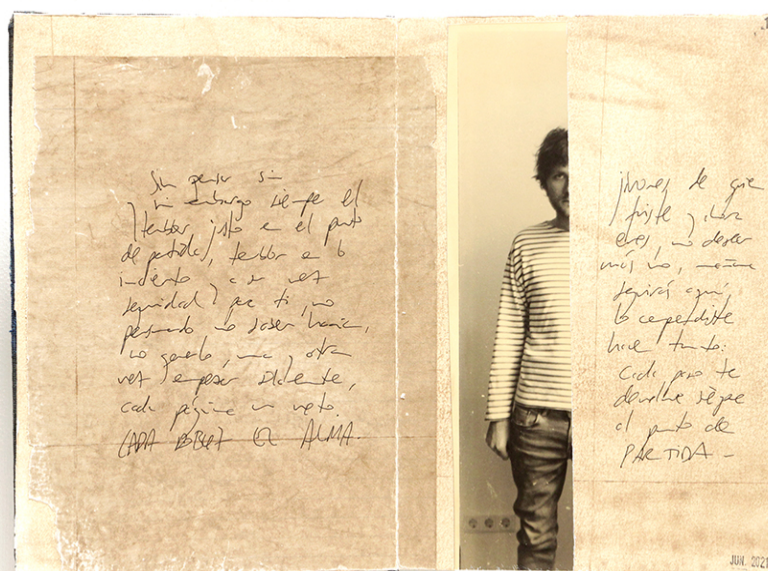
vaivén cada vez, 2022

livro de artista

edição única

Fonte: REQUENA, Juanan. Portfólio online. Disponível em:

<http://www.nodetenerse.com/index.php>



Juanan Requena

CADA DOBLEZ EL ALMA, 2021

um diário flashback #69 ... verão 2021

Edição única

#DIARY 69 _ CADA DOBLEZ EL ALMA on Vimeo

Fonte: REQUENA, Juanan. Portfólio online. Disponível em:

<http://www.nodetenerse.com/index.php>

4.1.2 Relato da Oficina

No dia da oficina, tivemos seis participantes, das quais quatro inscreveram-se previamente e duas se interessaram no momento. Como pré-produção, organizamos a apresentação com o conteúdo teórico e visual, bem como os materiais para intervenção, as fotografias e as escritas impressas, dispostas em mesas, para que todas pudessem observar e acessar com facilidade, além de câmeras fotográficas para registro da prática e das obras.

Começamos recebendo as participantes de modo acolhedor e, em seguida, nos apresentamos. Depois, por aproximadamente 30 minutos, mostramos o conceito de colagem, as artistas com pesquisas autobiográficas e também outras referências visuais e artísticas. A partir disso, as participantes foram convidadas a olhar a mesa e começaram a escolher imagens, textos e materiais para intervenção.

No início da prática, elas ficaram mais introspectivas, aproximando-se das materialidades disponíveis; diante disso, escolhemos nos posicionar como observadoras e registrar o processo em curso. Conforme os trabalhos foram se iniciando, tivemos momentos de conversas individuais, além de presenciarmos conversas entre as participantes de assuntos diversos. Algumas pessoas preferiram trabalhar em silêncio durante toda a atividade, outras eram mais extrovertidas e abertas ao diálogo.

Conforme a prática de cada um ia chegando ao fim, fotografamos todos os trabalhos desenvolvidos e oferecemos a possibilidade de levar ou deixar conosco suas obras. Por fim, entregamos os formulários de pesquisa acerca da oficina para que cada uma respondesse individualmente. Não nos atentamos ao registro do

tamanho das obras desenvolvidas e, também, não conduzimos uma discussão em grupo sobre a produção das obras e reflexão do encontro, fato questionado por uma participante, sendo portanto, aprendizados posteriores para ambas oficinas.

Em seguida, vamos discorrer sobre os formulários, o processo e as obras desenvolvidas e as nossas percepções com cada participante.

4.1.3 Formulário de Pesquisa - Intervenções em Fotografias

Através do formulário⁶ buscamos saber se havia, e qual a frequência, da prática artística, além de saber como foi o desenvolvimento dessa prática em coletivo e do nosso trabalho como arte-educadoras. Também buscamos saber se os materiais, as referências artísticas e conceituais e o tempo da oficina foram suficientes.

Questionamos também as participantes sobre quais os critérios e aspectos das fotografias e escritas poéticas impressas influenciaram suas escolhas, assim como qual era sua relação afetiva e de identificação com as imagens e textos. Além das dificuldades enfrentadas e sentimentos suscitados nos processos de interferências, questionamos se as práticas escolhidas para intervenção foram pertinentes com o conceito do projeto e qual a dificuldade apresentada na escolha dessas práticas. Ademais, perguntamos se as participantes tinham hábito de escrita autobiográfica e se escolheram usar textos na criação da obra, e se sim, quais tipos.

Pensando na prática com a pesquisa biográfica, perguntamos se, e com que frequência, as participantes a usam como estudo artístico, se a oficina favoreceu a conexão com questões pessoais, se essa experiência poderá influenciar sua poética e, também, como se sentiram ao compartilhar o seu processo com outras pessoas. Por fim, pedimos que todas registrassem comentários gerais sobre a experiência.

⁶ Ver Apêndices

Participantes e suas obras

Ailton

29 anos, masculino, Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais⁷

Ailton teve dificuldades em intervir na fotografia impressa, tendo sentimentos de relutância, curiosidade e estranhamento, "quase como se eu estivesse violando algo", apesar de afirmar que tinha quase nenhuma relação afetiva com fotografias impressas. Também nos mostrou que, apesar de não praticar uma relação afetiva com a escrita poética, escolheu utilizar textos e palavras disponibilizadas para construção das obras, sentindo total identificação com o texto, mas parcial identificação com as fotografias.

Sua prática artística não é biográfica, contudo conseguiu se conectar consigo mesmo e, provavelmente, a oficina afetará seu processo artístico no futuro, além de afetar seu processo autorreflexivo e a conexão com outras pessoas.

Imagem 1 - Transcrição da resposta de Ailton - pergunta 22

22. Comente um pouco sobre o que achou da experiência e como se sentiu afetado pelas imagens visuais e textuais?

ACHEI muito bom!! Bem INTERESSANTE como, A PARTIR DE IMAGENS E OBJETOS QUE CARREGAM HISTÓRIAS DE UM OUTRO, A GENTE É AFETADO E PASSA A CONSTRUIR COM ESSES OBJETOS/IMAGENS UMA RELAÇÃO AFETIVA E QUE DISPARA UMA SÉRIE DE SENSACIONES/PENSAMENTOS/MEMÓRIAS SOBRE NOS MESMOS E SOBRE O PRÓPRIO PROCESSO/SOPO DE CONSTRUÇÃO/DECONSTRUÇÃO DAS IMAGENS/OBJETOS.

Fonte: Acervo pessoal (2023)

⁷ Deixamos as informações pessoais, como o nome, da forma como as participantes se identificaram.

"Achei muito bom!! Bem interessante como, a partir de imagens e objetos que carregam histórias de um outro, a gente é afetado e passa a construir com esses objetos/imagens uma relação afetiva e que dispara uma série de sensações/pensamentos/memórias sobre nós mesmos e sobre o próprio processo/jogo de construção/desconstrução das imagens/objetos."

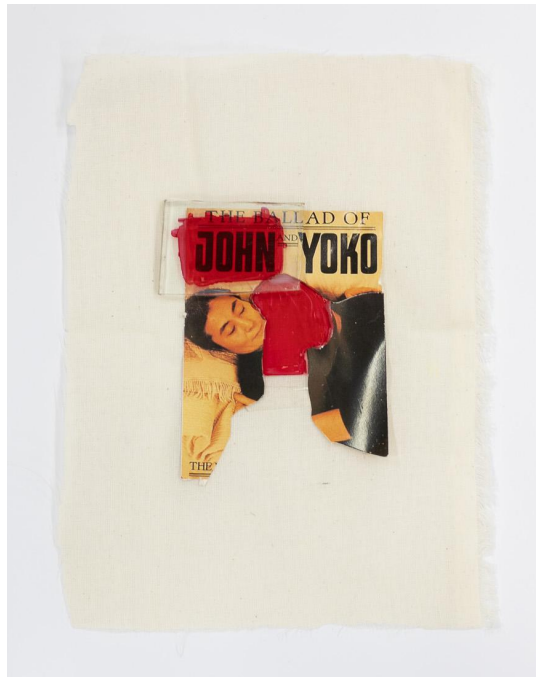
Fotografia 10 - Registro do processo de Ailton



Fonte: Fotografia autoral. Acervo Pessoal (2023)

O processo de Ailton partiu de recortes de revistas com intervenções com tinta, usando o tecido como suporte, mas deixando o processo inacabado. Dias depois, estávamos caminhando pelo corredor de ateliês do Instituto de Artes e encontramos a obra com outra intervenção.

Fotografia 11 -Registro da obra de Ailton no dia da oficina



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

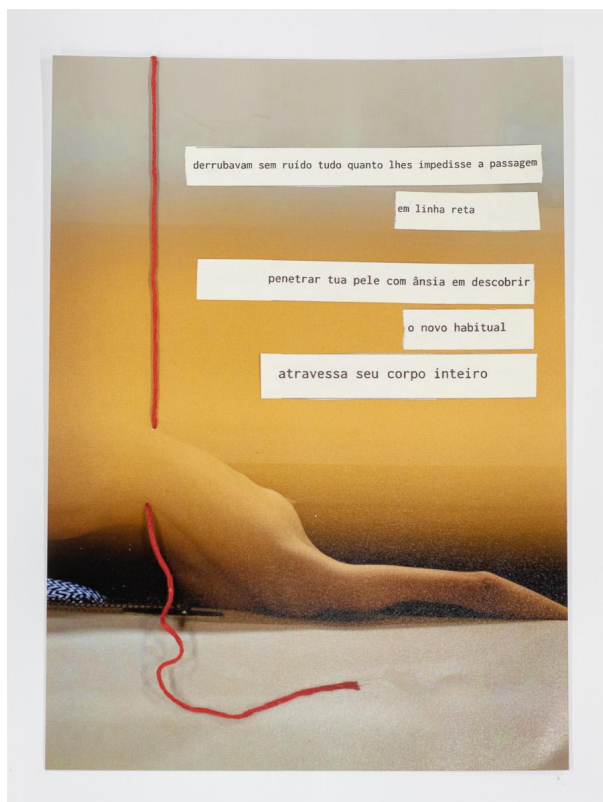
Fotografia 12 - Registro da obra dias depois com nova intervenção



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

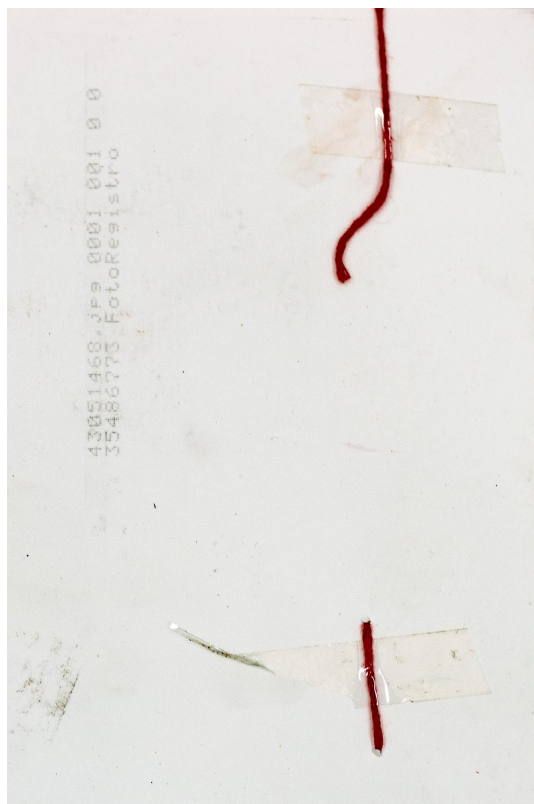
Outra prática desenvolvida por Ailton foi a intervenção em fotografia. Durante a conversa, enquanto registramos o processo, ele comentou que gostaria de ter utilizado a técnica do bordado, porém, por não dominá-la, optou por furar a fotografia e utilizar fita adesiva transparente e cola.

Fotografia 13 - Registro da obra de Ailton



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 14 - Detalhe do verso da obra



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

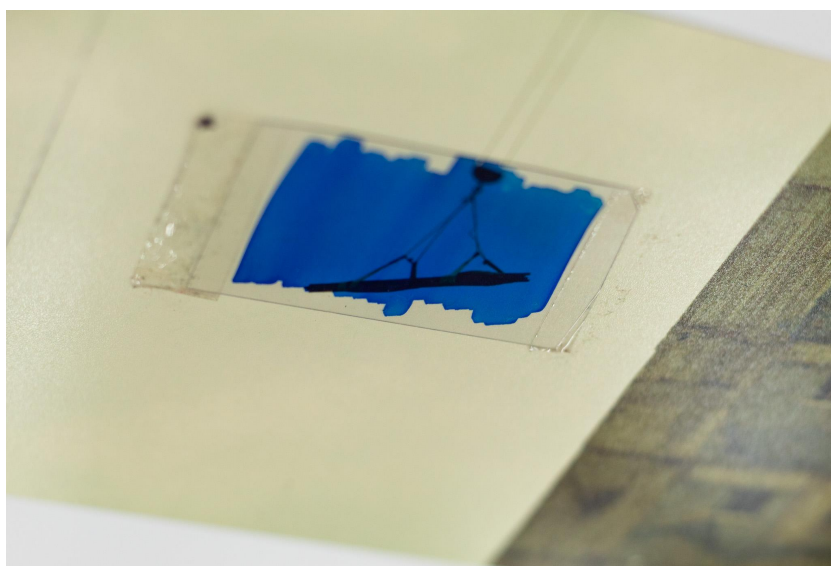
Observamos também um uso de transparências coloridas bloqueadas, destacando certos aspectos da imagem escolhida, porém sem “ferir”, isto é, sem a interferência direta na materialidade dessa imagem. Podemos interpretar aqui, seu sentimento de relutância e estranhamento.

Fotografia 15 - Registro da obra de Ailton



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 16 - Detalhe da obra de Ailton



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Ale

58 anos, feminino, Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais

Ale observou que: "com a oficina, o tempo foi perfeito, mas eu fiquei com vontade de ficar mais tempo vivendo com os materiais". Tem intensa relação afetiva com fotografias impressas e apresentou parcial dificuldade de intervir em sua materialidade, apresentando sentimentos de melancolia, saudosismo e curiosidade. Quase não pratica a relação afetiva com escrita poética e não tem hábito de escrita autobiográfica, entretanto escolheu utilizar textos e palavras para construção das obras. Sentiu total identificação com as fotografias impressas e os textos, e acredita que compartilhar seu processo com outras pessoas não afetou sua criação.

Sua prática artística é autobiográfica, conseguiu se conectar consigo mesma e, provavelmente, a oficina afetará seu processo artístico no futuro. Também afirma ter certeza que a atividade afetará seu processo autorreflexivo e a sua conexão com outras pessoas.

Imagem 2 - Transcrição da resposta de Ale - pergunta 22

22. Comente um pouco sobre o que achou da experiência e como se sentiu afetado pelas imagens visuais e textuais?

Eu levei um certo tempo para me abrir e me permitir o afeto. Mas, aos poucos, fui ficando mais à vontade. Vocês criaram um ambiente que nos deu segurança total para isso. As fotos e textos são diretos que foram criados muitas histórias dentro de mim. Queria muito mais destas atividades.

"Eu levo um certo tempo para me abrir e me permitir o afeto. Mas, aos poucos, fui ficando mais à vontade. Vocês criaram um ambiente que nos deu segurança total para isso. As fotos e textos tão diversos que foram criadas muitas histórias dentro de mim. Queria muito mais destas atividades."

Fotografia 17 - Registro do processo de Ale

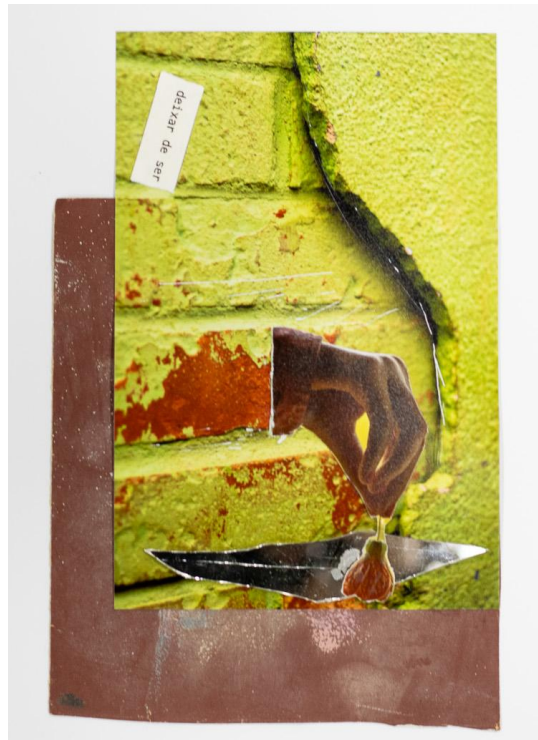


Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Prontamente Ale se interessou pelas fotografias impressas, passando por uma troca intensa de imagens. Apesar disso, nos revelou sua dificuldade em iniciar qualquer trabalho e começou a experimentar as materialidades e texturas como uma espécie de brincadeira. Ainda que introspectiva e uma hábil experimentalista, quando encontrou-se mais confortável com os materiais e as possibilidades de intervenção, criou uma obra a partir da caixa de fósforo, alegando ser uma “coisa boba”.

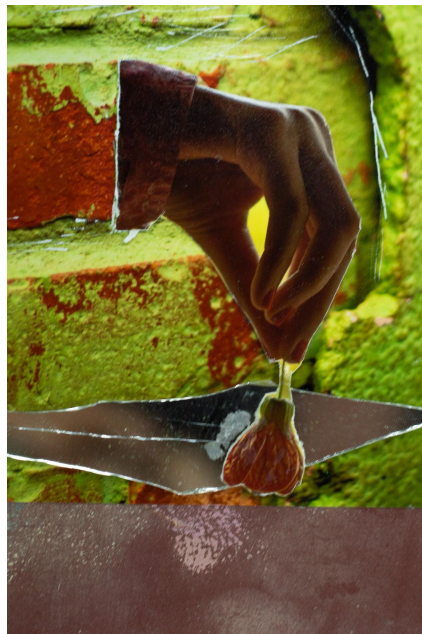
Conhecíamos anteriormente a produção poética de Ale e percebemos que as suas experimentações na oficina se diferenciavam da sua prática cotidiana.

Fotografia 18 - Registro da obra de Ale



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 19 - Detalhe da Obra de Ale



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 20 - Registro da obra de Ale



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 21 - Detalhe da obra



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 22 - Registro da obra de Ale



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 23 - Detalhe da obra



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 24 - Detalhe da obra



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 25 - Detalhe da obra



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Alyce Luna

21 anos, feminino, Bacharelado em Artes Cênicas

Para Alyce, os materiais e o tempo da oficina foram suficientes, porém sentiu falta de "coisas grandes para ampliar as fotos"; nos explicou que gostaria de recursos que a inspirasse na criação de obras em maiores dimensões. Sua relação afetiva com fotografias era parcial e não sentiu dificuldade em intervir nas imagens. Relata que apresentou sentimentos de melancolia, alegria, saudosismo, curiosidade e também "divertimento, contemplação, desconcertado, incompreensão e compreensão". Quase não pratica relação afetiva com a escrita poética, porém tem hábito de escrita autobiográfica e, ainda assim, escolheu usar frases e palavras prontas.

Sentiu total identificação com as fotografias impressas e parcial com as escritas, conseguindo conectar consigo mesma na experiência, além de dizer que certamente a oficina afetará seu processo artístico, tanto de forma autorreflexiva, quanto futuramente na conexão com outras pessoas. Compartilhar seu processo não a atrapalhou.

Imagem 3 - Transcrição da resposta de Alyce Luna - pergunta 22

22. Comente um pouco sobre o que achou da experiência e como se sentiu afetado pelas imagens visuais e textuais?

Foi absurdamente instigante ter uma mesa cheia de materiais que para além deles tinham muita história, e ter a possibilidade de entrar em contato com essas histórias de um modo totalmente ativo, que partia e dependia de mim inverteu toda a lógica de relação com os materiais, ao mesmo tempo que eles propunham muitas coisas o espaço para eu propor era imenso e isso foi muito bom.

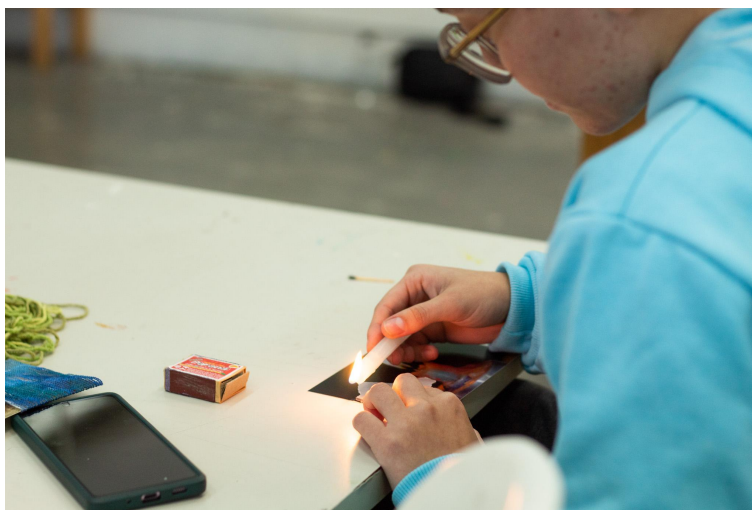
"Foi absurdamente instigante ter uma mesa cheia de materiais que para além deles tinha muita história, e ter a possibilidade de entrar em contato com essas histórias de um modo totalmente ativo, que partia e dependia de mim inverteu toda a lógica de relação com os materiais, ao mesmo tempo que eles propunham muitas coisas o espaço para eu propor era imenso e isso foi muito bom."

Fotografia 26 - Registro do processo de Alyce Luna



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 27 - Registro do processo de Alyce Luna



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Alyce também teve um posicionamento muito experimental durante a criação de suas obras e quase todos os seus trabalhos tiveram aspectos comuns, uma metalinguagem de imagens, como por exemplo, intervir com parafina na imagem de uma vela, ou na colagem de uma fotografia de flor numa monotipia botânica. Produziu bastante e comentou conosco que “estava difícil parar”.

Fotografia 28 - Registro da obra de Alyce Luna



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 29 - Registro da obra de Alyce Luna



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 30 - Detalhe da obra



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 31 - Registro da obra de Alyce Luna



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 32 - Detalhe do verso da obra



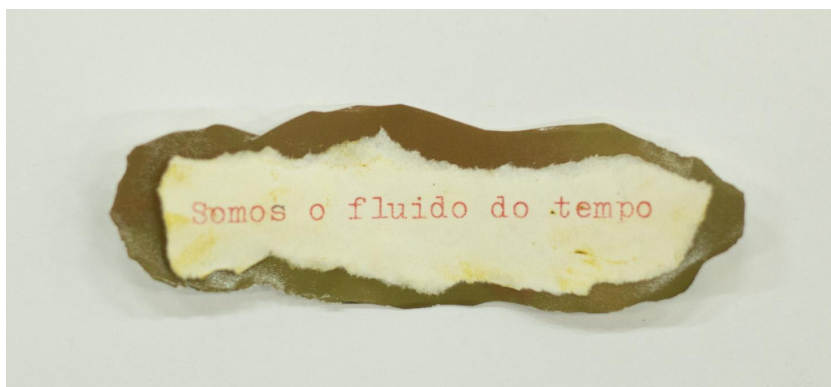
Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 33 - Registro da obra de Alyce Luna



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 34 - Registro da obra de Alyce Luna



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

João

23 anos, homem cis, Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais

A relação afetiva de João com as fotografias foi total e quase não teve dificuldades em intervir nelas. A prática de intervenção lhe trouxe uma sensação de alívio, tristeza, melancolia, relutância, curiosidade e outros sentimentos não especificados. Sua relação afetiva com a escrita poética é frequente, porém, não é regular e, mesmo que tenha escolhido uma palavra impressa, diz não ter o hábito da escrita autobiográfica. Teve parcial identificação com os textos disponíveis, assim como com as imagens.

Sua prática artística é biográfica e conseguiu conectar-se consigo mesmo na oficina, além de não se sentir intimidado pela presença de outras pessoas. Com certeza acredita que a conexão consigo mesmo, gerada na oficina, afetará seu processo autorreflexivo, mas alegou ser apenas provável que o mesmo aconteça na conexão com outras pessoas.

Imagem 4 - Transcrição da resposta de João - pergunta 22

22. Comente um pouco sobre o que achou da experiência e como se sentiu afetado pelas imagens visuais e textuais?

Foi muito bom, mas não ~~teve~~^{tive} tempo para desenvolver porque tive de ir embora muito cedo.

Fonte: Acervo pessoal (2023)

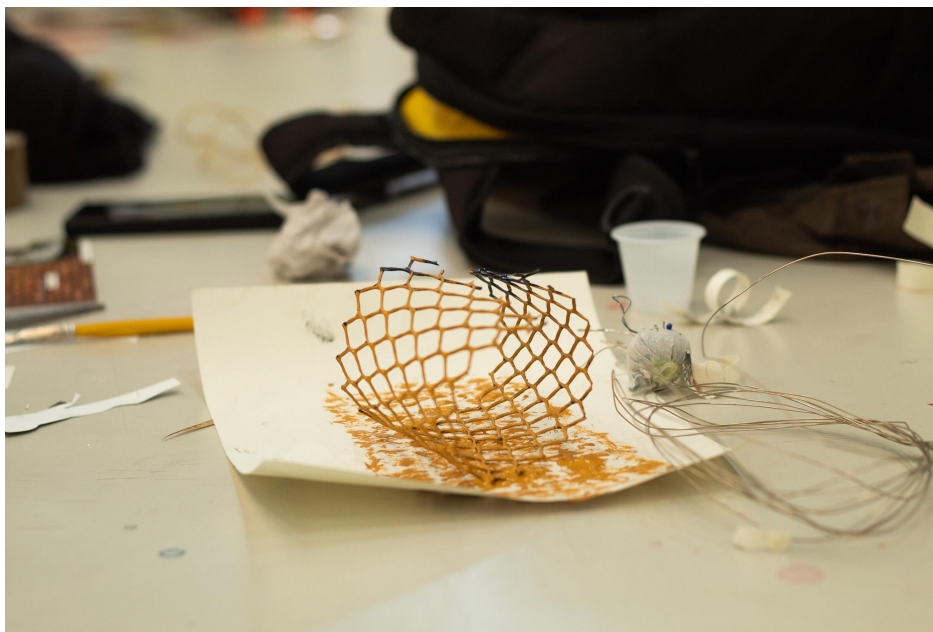
"Foi muito bom, mas não tive tempo para desenvolver porque tive de ir embora mais cedo."

Fotografia 35- Registro do processo de João



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 36 - Registro do processo de João



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

João mergulhou rapidamente na produção com diversos materiais, flertando com a tridimensionalidade. Porém, no desenvolvimento da obra, teve dificuldade para planificar a peça, por isso pediu ajuda para prender a tela tramada com arame na fotografia. Sugerimos costurá-la, como um tecido, mas mantendo o cuidado de respeitar suas intenções e não interferir em demasia no trabalho. Demonstrou vontade de continuar sua obra e desenvolver outras intervenções, porém precisou ir embora mais cedo.

Fotografia 37 - Registro da obra de João



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 38- Detalhe da obra



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 39 - Detalhe do verso da obra



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 40 - Detalhe do verso da obra



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

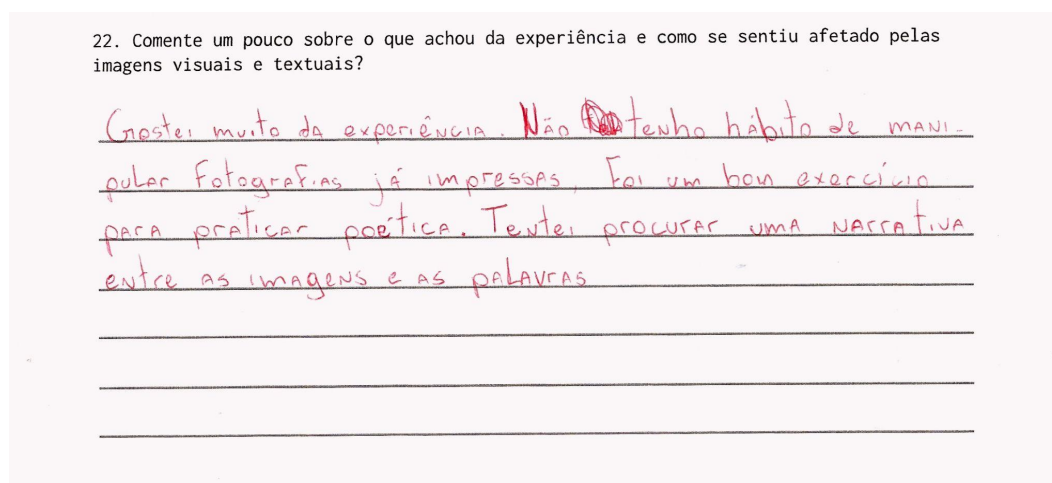
Ramon

32 anos, masculino, Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais

Ramon apresenta total relação afetiva com fotografia e teve parcial dificuldade em intervir nelas. Seus sentimentos foram alegria, saudosismo, curiosidade e também se sentiu "provocado/desafiado". Não pratica uma relação afetiva com a escrita poética, nem tem o hábito da escrita autobiográfica.

Escolheu frases já impressas para seu trabalho e sentiu parcial identificação com os textos e as fotografias. Sua prática não é biográfica, mas conseguiu conectar-se consigo mesmo durante a prática e acredita que provavelmente essa conexão, gerada durante a oficina, afetará sua produção artística e sua conexão com outras pessoas, além de que certamente afetará seu processo autorreflexivo.

Imagem 4 - Transcrição da resposta de Ramon - pergunta 22



Fonte: Acervo pessoal (2023)

"Gostei muito da experiência. Não tenho hábito de manipular Fotografias já impressas. Foi um bom exercício para praticar poética. Tentei procurar uma narrativa entre as imagens e as palavras."

Fotografia 41 e 42 - Registro do processo de Ramon



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 43 - Registro da obra de Ramon



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

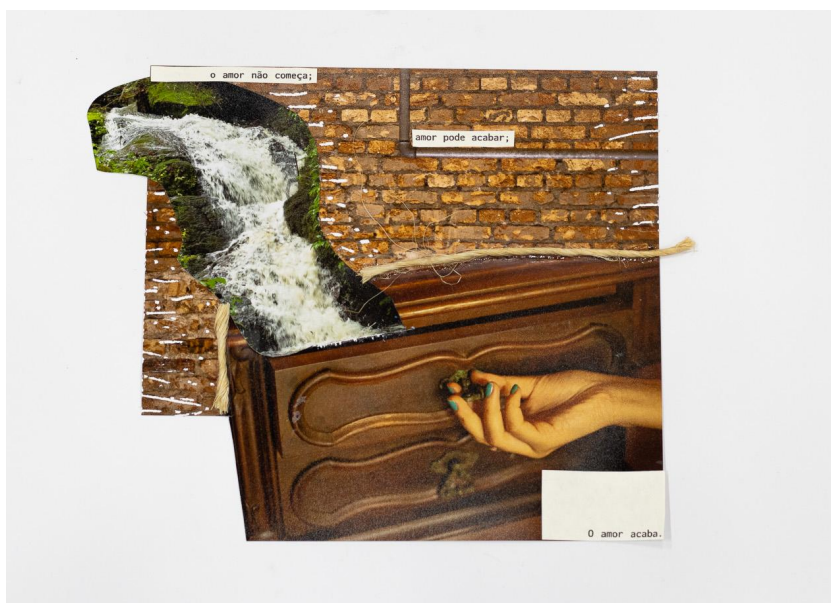
Fotografia 44 - Detalhe da obra



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Ramon chamou nossa atenção com o fato de que, em sua primeira obra, foi realizado um rasgo onde foi inserida parte da outra fotografia - na imagem, a cachoeira entrando na gaveta. Após experimentações combinando imagens e textos, buscou criar uma obra tridimensional, com teor cômico, ao exibir uma vaca com o texto “seja lá o que for”.

Fotografia 45 - Registro da obra de Ramon



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

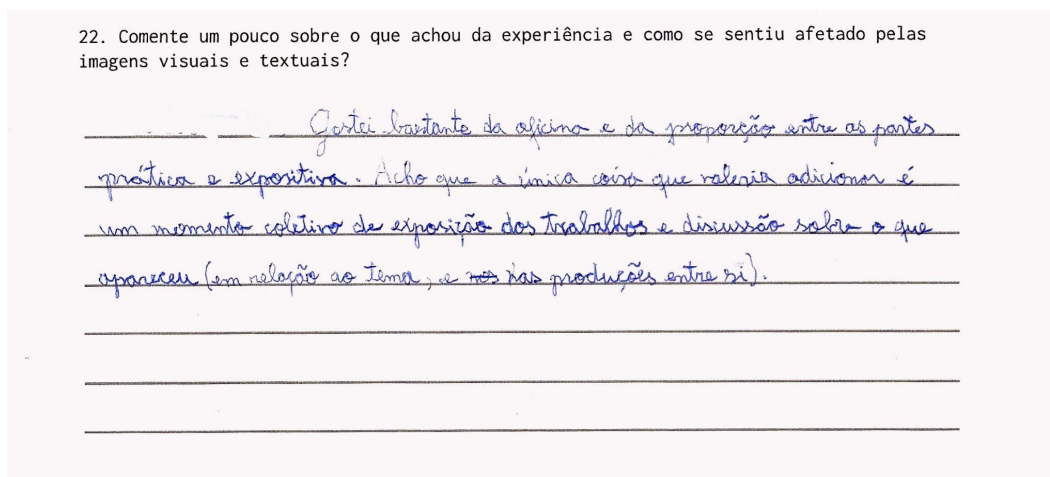
Zocchio

24 anos, masculino, Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais

Apesar dos materiais terem sido suficientes para Zocchio, ele sentiu falta de fita crepe e compasso. Tem total relação afetiva com fotografias impressas em geral, mas quase não teve identificação com as fotografias disponibilizadas e sentiu total indiferença em relação às frases e palavras impressas.

Quase não teve dificuldades na intervenção, sentindo alívio, indiferença e curiosidade. Sua relação com a escrita poética é frequente, mas não regular, não tendo o hábito da escrita autobiográfica e escolheu não usar textos no seu trabalho. Sua prática artística não é biográfica e conseguiu estabelecer uma conexão consigo mesmo, além de acreditar que provavelmente esta conexão afetará seu processo artístico e sua conexão com outras pessoas, porém acredita que não afetará seu processo autorreflexivo.

Imagem 5 - Transcrição da resposta de Zocchio - pergunta 22



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

"Gostei bastante da oficina e da proporção entre as partes prática e expositiva. Acho que a única coisa que valeria adicionar é um momento coletivo de exposição dos trabalhos e discussão sobre o que apareceu (em relação ao tema, e nas produções entre si)."

Fotografia 46 - Registro do processo de Zocchio



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Durante toda a prática, Zocchio esteve bem introspectivo e não usou em nenhum momento as frases disponibilizadas nem a própria escrita, demonstrando uma falta de identificação.

Esteve focado na construção de um único trabalho com múltiplas fotografias, junto a dois quadrados de madeira pintados de preto. É interessante perceber, em sua experimentação, o apagamento de corpos com tinta branca de maneira blocada, geométrica, um contraponto com as formas orgânicas de corpos e da madeira.

Na hora de fotografar o trabalho, ficou evidente a importância da disposição das imagens, bem como do seu alinhamento, demonstrando clareza e objetividade desde o início da prática.

Fotografia 47 - Registro da obra de Zocchio



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 48 - Detalhe da obra



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

4.1.4 Conclusão sobre a Oficina

Gostaríamos de finalizar este capítulo com algumas observações a respeito da nossa conduta, de aspectos trazidos pelas participantes e, também, do formulário.

Apesar de cuidarmos para que não houvesse uma diferença de tratamento, muitas vezes nosso olhar não foi imparcial em relação à poética das participantes, pois algumas já eram conhecidas.

Notamos, pelas respostas do formulário, que muitas pessoas indicaram sentimentos de saudosismo, melancolia e curiosidade no desenvolvimento da prática. Por outro lado, ninguém se identificou com os afetos de êxtase e plenitude. Além disso, pudemos observar, em conversas com as participantes, pelos formulários e pelas obras realizadas, que as produções tiveram um aspecto bem experimental, o que consideramos muito positivo.

Futuramente, gostaríamos de reorganizar um pouco os formulários, além de planejar melhor o registro dos trabalhos das participantes. Também percebemos, durante a realização da oficina, que poderíamos ter selecionado mais criteriosamente os materiais para intervenção. De início, pensamos em disponibilizar diversas possibilidades, por isso, selecionamos a maioria dos materiais que tínhamos à nossa disposição. O excesso de materiais foi regulado para a oficina de livros, que será descrita a seguir.

Ao fim da prática, algumas participantes solicitaram as referências artísticas e bibliográficas, e percebemos que isso poderia ser melhor divulgado em futuras oficinas, trazendo um enriquecimento e suporte teórico e artístico para a experiência. Um apontamento do participante Zocchio, na qual ele menciona a falta de um momento destinado à discussão dos trabalhos em grupo, foi

considerado e pensamos em adotar esta prática de discussão e reflexão ao final das próximas práticas.

4.2 Intervenções em Livros

4.2.1 Preparação para a Oficina

Apesar de ainda trabalharmos na chave da intervenção direta em um material, na oficina *Caminhos Possíveis: Intervenções em Livros*, fomos movidas por alguns critérios distintos: a tridimensionalidade, o caráter volumétrico de um livro, e suas possibilidades artísticas como, por exemplo, a assemblagem, indo além das palavras e das imagens.

Para esta oficina, definimos o livro como um volume que apresenta uma determinada sequência, organizada por uma narrativa que pode ser imagética, conceitual, textual e/ou histórica. A partir disto, encontramos cinco grupos para nortear o interesse das participantes: **Organização**, que se refere ao modo como o livro foi construído do início ao fim; **Sequência**, que, apesar da proximidade com a ideia de organização, está mais relacionada ao fluxo das páginas; **Volume**, que se refere diretamente a materialidade como altura, largura e espessura; **Narrativa**, que diz respeito ao conteúdo do livro, independente do gênero literário; e, por fim, **Tateabilidade**, que se refere às sensações táteis do papel. Todas estas categorias são, também, atravessadas pelo título, capa, época da publicação, autoria, relações cromáticas, entre outras características próprias de cada livro. Durante o contato com estas cinco categorias, somos atravessadas por sensações e sentimentos que direcionam nossos sentidos e relações com o objeto.

O livro é uma entre várias possibilidades de aproximação com a própria subjetividade, principalmente pelo fato deste objeto nos ser apresentado desde a infância. A diversidade poética, imagética e conteudista são veículos para a percepção e a imaginação do mundo que nos rodeia. Intervir em um livro pode ser um modo para nos revisitarmos e nos modificarmos?

Pensamos que o processo de leitura é como percorrer um trajeto. Em meio a essa caminhada estética-literária nos deparamos com epifanias, instantes de descoberta. Podemos, a partir dessa constatação, pensar que, nesse momento, são formadas imagens mentais do percurso, registros de sensações pontuais que podem alterar e/ou ampliar o nosso entendimento do mundo e de nós mesmas.

Quando precisamos nos deslocar pela cidade, chegar em lugares desconhecidos, recorremos aos mapas para nos auxiliar no caminho ao nosso destino, assim como o sumário é um indicativo do percurso de uma leitura. Porém, mesmo com o trajeto escolhido, podemos percorrer novas ruas para chegar ao ponto final e, a partir desta mudança de rota, experimentarmos outras histórias. A intervenção em um livro é como escolher caminhar por novas ruas e criar diferentes percursos.

No ato de intervir criamos também a possibilidade de novas histórias, de desmaterialização do objeto, transformando-o em outra coisa que não a sua primeira finalidade. Nesse processo, o livro passa a ser um recurso material base para outra funcionalidade, assim como mostra Paulo Silveira:

"Por último, o conceito de livro-obra (bookwork) deixa claro que ele é uma especialização das ocorrências de um conjunto maior. A ideia de artefato aqui é evidente: livros pela sua condição de produção e artefatos de informação pela sua forma física. São "livros de artistas que exploram a forma livro ou alteram sua estrutura física como parte do conteúdo do trabalho". A expressão inclui "obras onde a ênfase está sobre a fina elaboração". E também faz o alerta: "para esculturas que aparentam ou incorporam livros, mas não se comunicam da maneira característica dos livros, utilize 'livros-objetos.'" (SILVEIRA *apud* DERDYK, 2019. p. 27)

Dessa forma, o "livro-objeto" é o produto de uma série de intervenções e conceitualizações, que transformam o livro convencional em uma criação, podendo ser usado como suporte para fins completamente distintos. O uso de um livro já

existente como base para a produção da obra, por meio de técnicas diversas, tal qual a costura, queima, desenho e assemblagem, se diferencia dos "livros de artistas".⁸

Para direcionar os participantes na produção de livro-objetos, iniciamos a oficina apresentando a técnica da assemblagem, da qual se caracteriza pela "arte que é feita reunindo elementos díspares – muitas vezes objetos do cotidiano – recolhidos pelo artista ou comprados especialmente" (Tate. Museu de Arte Moderna do Reino Unido [s.d]). Num sentido geral, a assemblagem se assemelha à colagem, porém na dimensão tridimensional, na qual os objetos são juntados por diferentes métodos, a fim de criar um novo objeto resultante do processo.

Essa técnica de montagem começou a ser utilizada no início do século XX, fazendo alusão à construção no movimento cubista, além de se tornar base para muitas obras surrealistas e dadaístas que ganhavam força na época, tratando de questões da psique, do consumismo e do capitalismo, em adição à indagações sobre questões estéticas artísticas. Com o termo *assemblage* sendo incorporado nos anos 1950 pelo pintor e gravador francês Jean Dubuffet (1901-1985), essa técnica rompeu as fronteiras entre a arte e a vida cotidiana.

Para ilustrar essa linguagem, mostramos às participantes diversas referências artísticas e visuais como meio de impulsionar as criações. Buscamos abarcar desde intervenções com materiais simples como canetas, até a inclusão de novos objetos e a transformação das materialidades e formas.

⁸ Livros de artista são concebidos por artistas, isto é, "são livros ou objetos em forma de livro; sobre os quais, na aparência final, o artista tem um grande controle. O livro é entendido nele mesmo como uma obra de arte." Segundo Stephen Bury (1995)

Figura 8 - Obra de Setsuko Fukushima



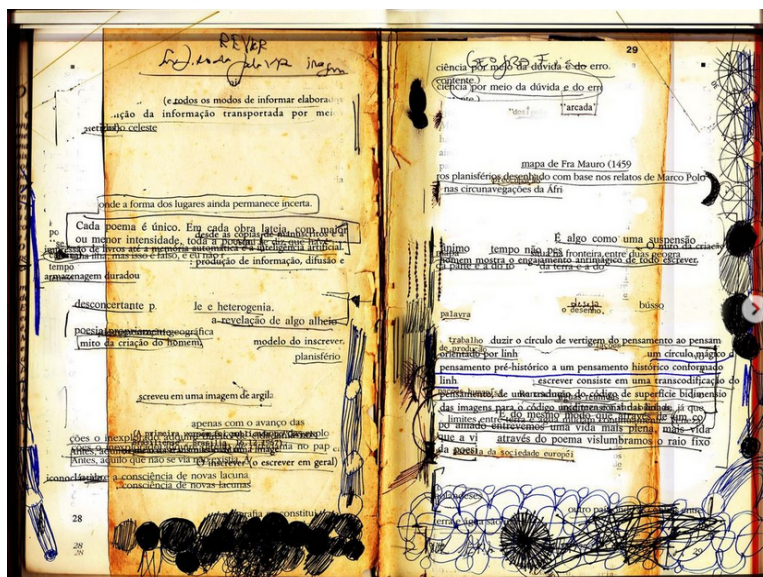
Setsuko Fukushima

Sem título, 2023

Fonte: FUKUSHIMA, Setsuko. Portfólio online (2023). Disponível em:

https://www.instagram.com/p/Cri2iwhlSoW/?img_index=2

Figura 9 - Obra de Edith Derdyk



Edith Derdyk

Sem título, 2023

Fonte: DERDYK, Edith. Portfólio online (2023). Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CsXJnZuOPxw/?img_index=1

Figura 10 e 11 - Obra de Lucas Dupin



Lucas Dupin

Bibliomorfos #3, 2022,

livros cortados e látex

102 x 52 x 5 cm

Fonte: DUPIN, Lucas. Portfólio online. (2022) Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/Cfcb2dWPOjG/>

Após o compartilhamento de referências e questões teóricas, incitamos as participantes a pensarem na conjunção de objetos e em sua interferência direta, mesmo que perdessem sua integridade inicial. Assim, incentivando uma maior maturação das ideias, estimulamos a estruturação de um projeto com intuito da obra ser elaborada e desenvolvida durante um período mais prolongado de tempo

(em relação à outra oficina). Dessa forma, *Caminhos Possíveis: Intervenções em Livros* foi projetada para ser realizada em dois encontros de três horas de duração.⁹

⁹ Ver Apêndices

4.2.2 Relato da Oficina

Iniciamos a oficina com um acolhimento das participantes, por meio de uma roda de conversa, (três pessoas participaram de um total de sete inscrições), para conversarmos sobre a relação pessoal com livros e entrar em contato com os volumes disponíveis. Neste encontro, o fato de que já conhecíamos as participantes propiciou diálogos mais intimistas.

Disponibilizamos livros de diferentes temas que vão desde manuais de comportamentos sociais à literatura ficcional, para disponibilizar uma variedade que poderia ampliar as possibilidades de identificação e o desejo de intervenção, além de materiais mundanos, como pedras, velas, tecidos, tintas, madeiras, linhas, etc., com o intuito de instigar a criação de objetos tridimensionais e a intervenção direta em um ou mais livros, proporcionando um espaço de liberdade criativa. Ao preencher o formulário de inscrição, todas as participantes foram informadas da possibilidade de trazer seus próprios livros e outros materiais, para incorporarem na construção da obra, no segundo encontro.

Fotografia 49 - Mesa disposta com livros e materiais. Primeiro dia de oficina



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Ainda no primeiro dia, conversamos individualmente com cada participante sobre o projeto que desejavam desenvolver. Desse modo, buscamos pensar conjuntamente suas ideias e quais materiais seriam necessários, para além daqueles que havíamos disponibilizado. Também conversamos em grupo, no final da prática, para troca de experiências, momento muito importante para a percepção mútua, além da possibilidade de sugestões e críticas.

Deparamo-nos com problemas de força maior no segundo dia da oficina (uma chuva torrencial), que resultou na realização com apenas uma das participantes. Sendo assim, o encontro se aproximou de uma conversa informal ao redor da mesa de materiais, com a abertura para compartilhar nossas próprias experiências com a criação e a experimentação com os objetos e livros, da mesma maneira que a participante. A seguir, iremos discorrer sobre o formulário respondido ao final da prática e o registro do processo e das obras desenvolvidas, além das nossas percepções sobre cada participante.

Fotografia 50 - Conversa entre as participantes no primeiro dia da oficina



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 51 - Conversa entre as participantes no segundo dia da oficina



Fonte: BOMBARDI, Alice. Fotografia. 2023.

4.2.3 Formulário de Pesquisa - Intervenções em Livros

No formulário¹⁰ buscamos saber se havia, e com que frequência, o hábito da prática artística, além de questionar sobre como foi a nossa conduta como arte-educadoras. Procuramos entender se os materiais, as referências artísticas e conceituais, o tempo da oficina e a pausa entre os encontros foram suficientes. As respostas que recebemos sobre estas questões foram todas positivas.

Questionamos as participantes sobre quais aspectos dos livros influenciaram na escolha, além das dificuldades e sentimentos no processo de intervenção, questionando também se os processos escolhidos para intervenção tiveram relação com o conceito do projeto e qual a dificuldade para escolha dessas atividades.

Focando na prática da pesquisa autobiográfica, perguntamos com que frequência as participantes a usam como recurso artístico, se a oficina favoreceu a conexão com questões pessoais, se essa experiência poderá influenciar sua produção poética futura ou se compartilhar seu processo com outras pessoas atrapalhou de alguma maneira o processo de criação. Por fim, pedimos que todas comentassem sobre a experiência.

¹⁰ Ver Apêndices

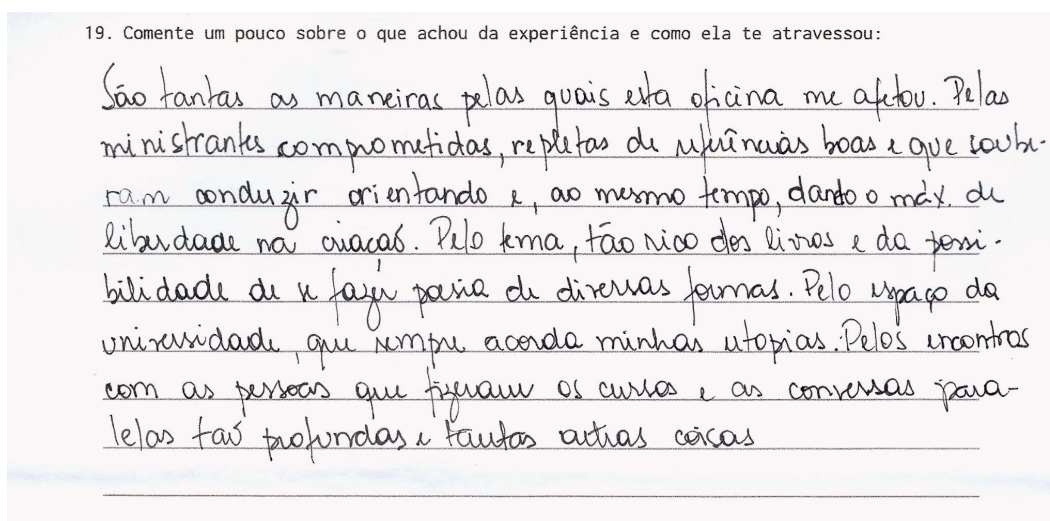
Participantes e suas obras

Ale

52 anos, feminino, Bacharelado em Artes Visuais

Ale teve dificuldades parciais em intervir no livro, apresentando sentimentos de relutância e curiosidade. Para ela, o critério de escolha se deu em relação ao projeto, porém, o que a influenciou para criação foi o conteúdo do livro, assim, sua prática foi impulsionada principalmente pelos desenhos e pelo tema. Em seu projeto já estava presente a ideia de fazer uma máscara, então escolheu um livro sobre o corpo humano, e com isso os materiais e processos escolhidos para intervenção tiveram muita relação com o conceito, apesar de ter apresentado um pouco de dificuldade para escolher a técnica. Para ela, sua prática foi completamente autobiográfica e acredita que essa experiência pode influenciar sua prática artística futura.

Imagem 5 - Transcrição da resposta de Ale - pergunta 19



Fonte: Acervo pessoal (2023)

"São tantas as maneiras pelas quais esta oficina me afetou. Pelas ministrantes comprometidas, repletas de referências boas e que souberam conduzir orientando e, ao mesmo tempo, dando o máximo de liberdade na criação. Pelo tema, tão rico dos livros e da possibilidade de se fazer poesia de diversas formas. Pelo espaço da universidade, que sempre acorda minhas utopias. Pelos encontros com as pessoas que fizeram os cursos e as conversas paralelas tão profundas e tantas outras coisas."

Fotografia 52 e 53 - Registro do processo de Ale



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

O livro que imediatamente chamou a atenção de Ale foi uma edição antiga de *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley. Empolgada, nos relatou que, quando criança, sua mãe possuía exatamente o mesmo livro e reencontrá-lo trouxe boas lembranças. Apesar disso, escolheu trabalhar com outro que tinha como tema o corpo humano, em função do conceito do seu projeto.

Durante o tempo de execução, optou rapidamente por recortar o livro em tiras enquanto refletia sobre o formato final da sua obra. Com os restos de páginas cortadas, ela usou o grampeador para pendurar pedras em um suporte do ateliê, onde acontecia a oficina. Ao fim do primeiro dia, estava decidida a realizar uma máscara com tiras de papel e prontificou-se a montar um molde com gesso para trazer no segundo dia. Dessa forma, sua intervenção partiu da destruição do livro, rompendo com o que o caracterizava inicialmente.

Fotografia 54, 55, 56 - Registro do processo de Ale



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 57 e 58 - Registro da obra de Ale



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

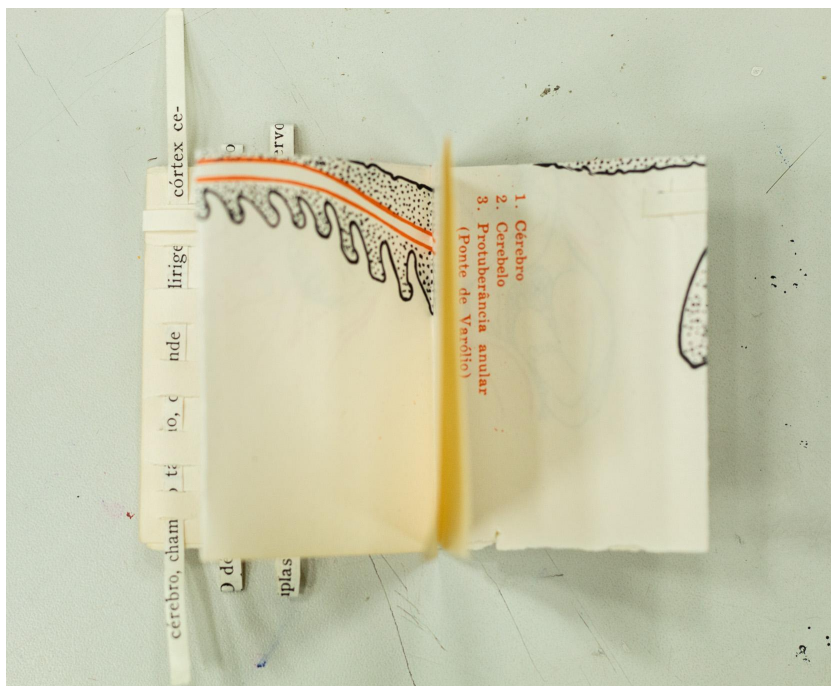
No segundo encontro, finalizou sua confecção da máscara e, no tempo restante, prontificou-se a fazer outra obra com os restos do livro escolhido, interferindo, com as tiras restantes, num livro de artista.

Fotografia 59 - Registro da obra de Ale



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 60 - Detalhe da obra



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 61 - Detalhe da obra



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Nathalia

23 anos, feminino, Licenciatura em Arte-Teatro

Logo de início, Nathalia se interessou pelo livro *Prisão de Ventre* alegando que achou o título cômico e que gostaria de deixá-lo pesado, fazendo uma alusão ao estado físico da prisão de ventre. Começou seu processo de forma centrada, utilizando os materiais disponíveis, mas pensando em outras materialidades para compor sua obra.

Manteve-se introspectiva durante a prática, ao mesmo tempo em que observava as ações do grupo, interessando-se pelas conversas que fluíam. Infelizmente, não conseguiu comparecer no segundo encontro da oficina, mas manteve contato, mostrando-se interessada em continuar as práticas e as reflexões.

A participante Nathalia não teve a oportunidade de responder o formulário.

Fotografia 62 - Registro do processo de Nathalia



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 63 - Registro do processo de Nathalia



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 64 - Registro do processo de Nathalia



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Victor

34 anos, masculino, Bacharelado em Artes Visuais

Victor se interessou por um dicionário japonês e, por não conhecer o idioma e seus significados, decidiu criar uma intervenção diferente para cada ideograma. Primeiro realizou desenhos de uma pipa e, ao observar que um dos ideogramas lembrava uma vela, teve a ideia de queimar as páginas correspondentes. Ao percebermos como divertia-se em mexer com fogo, compartilhou suas experiências de queima na infância.

O participante Victor também não teve a oportunidade de responder o formulário.

Fotografia 65 - Registro do processo de Victor



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 66 - Registro do processo de Victor



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

Fotografia 67 - Registro do processo de Victor



Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)

4.2.4 Conclusão sobre a Oficina

Gostaríamos de acrescentar a esse capítulo algumas observações sobre nossa conduta, além de aspectos observados nas práticas das participantes e nos formulários.

Nessa oficina, tivemos um posicionamento similar ao da oficina de fotografias, porém estávamos mais relaxadas e seguras, o que propiciou mais naturalidade em nossa conduta; também percebemos uma boa receptividade das participantes, que estavam bem à vontade para contar suas histórias pessoais. Um dos formulários, relatou nosso comprometimento e abertura para a liberdade de criação, confirmando nosso posicionamento receptivo e plural.

Quanto aos materiais para intervenção, fomos mais seletivas e criteriosas nas escolhas, priorizando o tema da tridimensionalidade e assemblagem. Sugerimos que não levassem para casa o trabalho desenvolvido em aula, dado que gostaríamos de presenciar a continuidade do projeto.

5 Impressões enquanto arte-educadoras

“Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”

Paulo Freire

Refletindo acerca de todas as oficinas desenvolvidas e ministradas desde o início na nossa trajetória enquanto arte-educadoras, enxergamos que foi possível desenvolver um espaço para o diálogo. Esse espaço emerge horizontalmente entre nós propositoras, em conjunto com as participantes: a troca se mostra como uma travessia entre ações, afetos e aprendizados, dos quais constantemente nos alteram.

Em nossas conversas posteriores às práticas percebemos, por exemplo, que a ansiedade e a insegurança no período de elaboração das oficinas, e os instantes que a antecedem, foram substituídos por entusiasmo e esperança. Foi interessante entender que a mudança dessas emoções, assim como senti-las, são formas de afeto. Portanto, compreendemos que sempre desejávamos, com as oficinas, provocar expectativas de mudanças - uma espécie de utopia:

“Contudo, a utopia interessa, quer a nível existencial quer a nível político. Ernst Bloch propôs a existência de um impulso utópico, um dado antropológico que confirma a tendência humana para desejar e imaginar uma vida diferente. A necessidade, sempre presente, de historizar a ideia da natureza humana deverá tornar-nos prudentes em relação à pretensão à universalidade, mas estas fantasias são próprias da cultura humana. Se a utopia for entendida como a expressão do desejo de se ser melhor, então talvez seja uma versão (por vezes) secularizada da busca espiritual para compreendermos quem somos, por que estamos aqui e como nos relacionamos uns com os outros. É uma busca da totalidade, de nos sentirmos em casa no mundo ou, como diz

Bloch, *heimat*. Neste sentido, a utopia não necessita da construção imaginária de mundos completamente diferentes. Apresenta-se como um elemento característico de uma vasta gama de acções e da própria cultura humana.” (LEVITAS, 2008, p. 14)

Ao desvincular a ideia de utopia de uma política totalitarista, entendemos que um mundo utópico não deve ser imposto, ou mesmo encarado como algo inalcançável quando se analisa o termo como um ideal inatingível, mas sim olharmos para a criação de utopias como uma ferramenta política para geração de novas alternativas e esperanças, e como “exercícios de pensamentos coletivos.” (LEVITAS, 2008, p. 16)

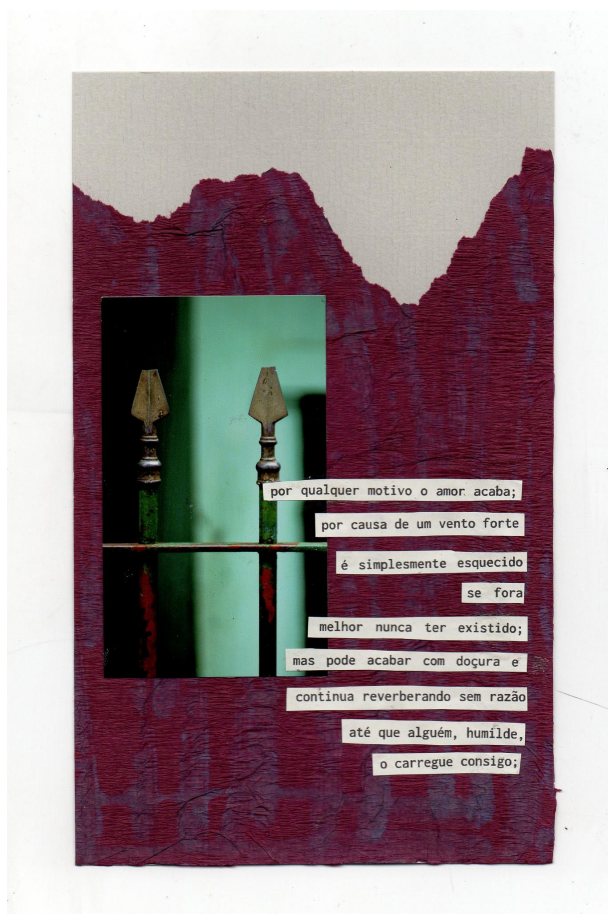
Assim, colocamos que os afetos, não importando qual, carregam a possibilidade de sustentar a criação e vivência de novos mundos, dando suporte para que continuemos a imaginar caminhos possíveis. E a aproximação com a arte, seja na apreciação, na prática ou de forma conceitual, é um veículo de transformação para a concepção de novas práticas relacionais.

Portanto, através da arte-educação, abrimos para nós mesmas e para as pessoas com quem nos relacionamos, desde estudantes, até pessoas que convivemos em nosso cotidiano, possibilidades afetivas e de criação, onde estamos presentes de forma ativa e passiva, na concepção das múltiplas ações que compõem nossas redes de afetos.

Após as experiências das oficinas, enxergamos mudanças na nossa própria prática artística. Inspiradas pelas criações das participantes, nos percebemos realizando trabalhos visuais com as mesmas linguagens apresentadas e discutidas em aula. As intervenções em imagens e textos se tornaram mais presentes na nossa poética, principalmente depois de aprendermos novas possibilidades de técnicas, tanto durante o processo de pesquisa para

apresentação e compartilhamento do conteúdo quanto durante os encontros e o acompanhamento prático da criação das participantes.

Figura 12 - Obra da Coletiva Oscilações Venusianas



Sem título

Obra produzida pela Coletiva Oscilações Venusianas,
formada por Jenis Barcelar e Naomi Lustosa

Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 13 - Obra da Coletiva Oscilações Venusianas



Sem título

Coletiva Oscilações Venusianas

Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 14 - Obra da Coletiva Oscilações Venusianas

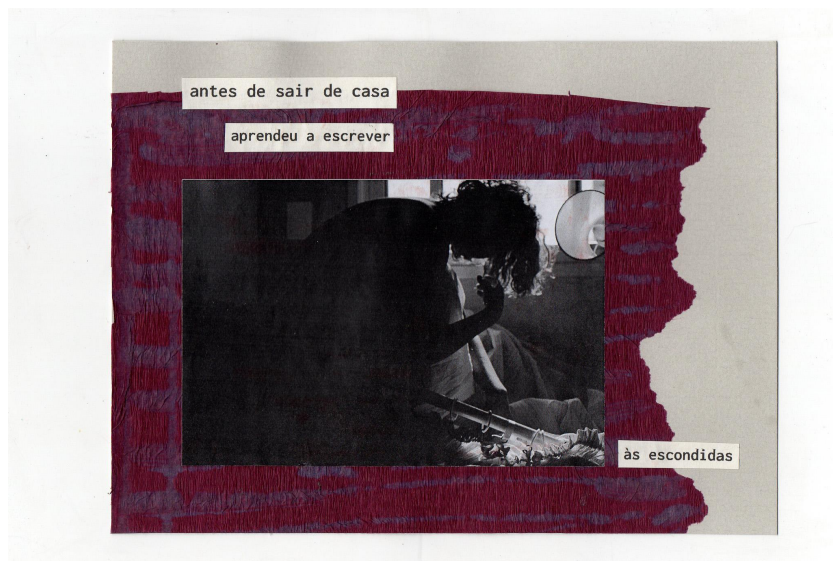


Sem título

Coletiva Oscilações Venusianas

Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 15 - Obra da Coletiva Oscilações Venusianas

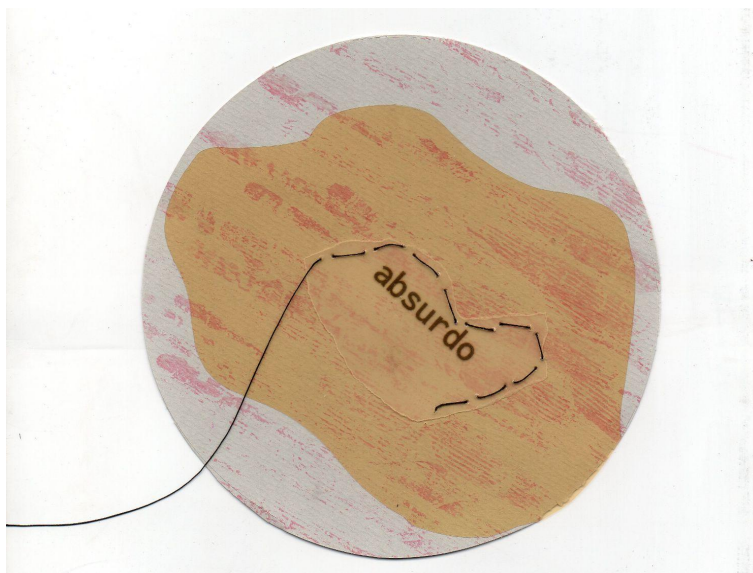


Sem título

Coletiva Oscilações Venusianas

Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 16 - Obra da Coletiva Oscilações Venusianas



Sem título

Coletiva Oscilações Venusianas

Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 17 - Obra da Coletiva Oscilações Venusianas



Sem título

Coletiva Oscilações Venusianas

Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 18 - Obra da Coletiva Oscilações Venusianas



Jenis Barcelar

pelo silêncio em nossos lábios

Livro-poema

Fonte: Acervo pessoal (2023)

Apesar dos estudos e reflexões teóricas nas aulas de licenciatura, vislumbramos, na vivência como arte-educadoras, a responsabilidade de sermos as viabilizadoras das práticas e dos aprendizados das oficinas, independente do contexto em que forem desenvolvidas. Através de uma metáfora teatral, podemos pensar que para além de “olhar por detrás da cortina”, estamos diante dela e como espectadoras, propiciando a curiosidade e a provocação.

O instante em que estávamos à frente das participantes, nos atravessou por esse desafio de viabilizar uma aula e compreender se os aspectos do planejamento dela e de sua execução foram bem elaborados e, portanto, se estávamos preparadas para os acontecimentos que viriam a seguir. Porém, todos os desafios foram impulsionadores para vivências que, muitas vezes, foram além do que imaginávamos antes, trazendo assim, graça e divertimento no decorrer da prática ativa e contemplativa.

Fomos acometidas por uma sensação de saudosismo por percebermos que, as fotografias que nós produzimos, assim como algumas frases que foram escritas por nós, foram apropriadas pelas participantes em suas criações. Apesar da intervenção fazer parte da prática proposta, é desafiador e curioso desapegar do que era de nossa autoria, do aspecto de pertencimento individual, enquanto artistas e indivíduos, para nos entregar a novas e desconhecidas possibilidades coletivas.

Em nossas percepções como arte-educadoras e artistas, identificamos que nosso jeito de criar ocorre também de modo coletivo. Esse elo comum entre nós duas, em nossas produções e modo de ensinar e, também, quando estamos criando com outras pessoas, é uma maneira de provocação e de inspiração. Concomitante ao aprendizado vivido e compartilhado, as oficinas foram - e são - espaços de diversão, inspiração e admiração de processos, de meios de criação e

de histórias de vida. O encontro e a troca coletiva são como adubo para nossa criatividade em todas as esferas, objetivas e subjetivas, que habitamos.

6 Conclusão

Acreditamos que emergir numa coletividade criativa e vivenciar ambientes propícios para a resignificação dos nossos afetos, resultam na possibilidade de um espaço-tempo em que podemos escavar as nossas pluralidades pessoais e encarar novas perspectivas e vivências. Através dos afetos que nos permeiam e dos espaços em que estamos abertas a nos afetarmos de forma mais fluida, o reconhecimento das nossas ações e suas implicações sociais nesses modos de olhar, nos levam a aspirar novos caminhos e espaços de utopia.

A partir desta pesquisa, passamos a incorporar o conceito de afeto como uma palavra que abarca diversos modos de sentir o mundo, sejam em suas camadas mais habituais como a ideia de afago, como inclusive de relutância e ódio. Também passamos a compreender e a reconhecer os afetos que nos atingem e que implicam nas pessoas ao redor, percebendo as relações de um modo mais consciente nos sistemas de ação/reação. Esses movimentos modificaram nossa forma de criar e educar, tanto na esfera individual quanto coletiva.

As oficinas *Caminhos Possíveis*, assim como as vivências anteriores a elas, propiciaram o contato com a nossa subjetividade e a experiência consciente com as correlações e significações sinestésicas, perceptivas e subjetivas que atravessam nossas vidas. Com as práticas que realizamos, mudamos a percepção do nosso trabalho individual e conjunto, conquistando novos objetivos de pesquisa e de atividades, e também fortalecemos a compreensão da potência da nossa parceria. Por conseguinte, além da vontade de um futuro como arte-educadoras e pesquisadoras, tivemos incentivo para fomentar essa realidade.

O primeiro passo deste percurso investigativo foi recheado por questionamentos. Nos indagamos, através da arte-educação e do fazer artístico,

as possíveis modificações inter e intra-relacionais e as possíveis mudanças sociais que esses contatos, além da consciência de que os afetos carregam uma potência revolucionária. Obtivemos algumas respostas por meio de pesquisas teóricas e análise de dados das oficinas, mas também pudemos perceber, nas vivências e encontros nos corredores da universidade, a aproximação que o contato com a arte-educação e com as práticas desenvolvidas resultaram no trato, tanto entre nós, quanto entre as participantes.

Podemos afirmar, também, que as artes visuais e a educação são meios para o aprofundamento e compartilhamento afetivo e, conseqüentemente, de mudança social. O escopo que essas duas áreas abarcam permite o diálogo e a possibilidade de atravessamento entre as pessoas.

Sentimos que a investigação dos conceitos e das práticas educacionais que nos propusemos a investigar, tiveram algumas limitações temporais e, por isso, gostaríamos de deixar em evidência que, enquanto pesquisa, as perguntas que nos nortearam e que surgiram no processo, continuarão presentes nas nossas trajetórias educativas e poéticas. Inclusive, em decorrência desta questão e pela crença na semeadura da pesquisa acadêmica, decidimos disponibilizar, tanto a organização das oficinas quanto os formulários e os dados em apêndice, para que sirvam de sementes para novos questionamentos de artistas, educadoras e pessoas interessadas.

Vivenciamos e seguimos com a consciência e a curiosidade de onde, como e com quem os afetos que surgiram nessa caminhada foram se encontrar, esbarrar, partilhar. Desde o início, sabíamos que afetar é um movimento que acontece em rede e, assim, como o fluir das águas de um rio, em um dado momento perdemos de vista a sua continuidade, ainda que possamos seguir acreditando no seu poder nutritivo de transformação coletiva.

Referências

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

BARTHES, Roland. **A câmera clara: nota sobre a fotografia**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CHIARA, Ana. **O Conceito de Bioescrita**, 2017.

DERDYK, Edith. **Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas**. Editora Senac, 2019.

DOMENCOCK, Blog Rocinda. **Fotomontagem de Hanna Höch**, 2010. Disponível em: Rocinda Demencock: Colagem, apropriação, redirecionamento

EDUCATION, Aegis. **Colagem de Hanna Höch**. Disponível em: HÖCH, Hannah - Aegis Education

ENCICLOPÉDIA, Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Assemblage**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/assemblage>. Acesso em: 22 de julho de 2023. Verbetes da Enciclopédia.

FREIRE, Paulo. **A Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GROPPA, Corazza, Lameda Adó. **Por alguma poética da docência: A didática como Criação**. Educação em Revista. Belo Horizonte. v.34, n.01, p.167-184, e 169875. Janeiro-Março, 2018.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**. Tradução: Stephanie Borges. Editora Elefante, 2021.

LEVITAS, Ruth. **A Utopia Não Interessa?**. Reino Unido. Dossier: Em Defesa da Utopia, 2008. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5169.pdf>

LORDE, Audre. **Sou Sua Irmã: A poeta como professora - a humana como poeta - a professora como humana**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

PAULINO, Rosana. **Portfólio online**. Disponível em: <https://rosanapaulino.com.br/>

QUINTAS, Georgia. **Porque enxergamos as fotografias?**, Blog Olhavê, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível**. Tradução de Mônica Costa Netto.- São Paulo: EXO experimental org.; Ed.34, 2005.

RAZÃO INADEQUADA. **Fundamentos da Micropolítica: Afetos Biopolíticos**.

Disponível em:

<https://razaoinadequada.com/fundamentos/micropolitica/afetos-biopoliticos/>.

Acesso em: 29/07/2023.

REQUENA, Juanan. **Portfólio online**. Disponível em:

<https://www.nodetenerse.com/>

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. Editora Companhia das Letras, 1977.

SPINOZA, Beneditus de, 1632-1677. **Ética / Spinoza** ; [tradução de Tomaz Tadeu]. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FUKUSHIMA, Setsuko. **Portfólio online**. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/Cri2iwhlSoW/?img_index=2

TATE. Museu de Arte Moderna do Reino Unido [s.d] **Art Term - Assemblage**.

Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/art-terms/a/assemblage>

VASALLO, Brigitte. **O Desafio Poliamoroso: por uma nova política dos afetos**.

Tradução: Mari Bastos. São Paulo. Editora Elefante, 2022.

Apêndices

Apêndice A

Formulário de inscrição | *Intervenções em Fotografias*

<https://forms.gle/XofU84yaXFiufxRbA>

Somos capazes de nos afetar pelas imagens? Somos capazes de nos sensibilizar mesmo em um mundo bombardeado por imagens? O que as imagens provocam em nós?

A oficina *Caminhos Possíveis: Intervenções em Fotografias* propõe ativar a conexão com fotografias por meio da seleção e intervenção em imagens apropriadas. Serão disponibilizadas fotografias e materiais variados, estimulando o uso de técnicas mistas. A atividade busca ampliar as reflexões sobre a sensibilização diante das imagens e as múltiplas maneiras de afeição e também investigar as possibilidades de intervenção intencional e direta em fotografias que partem de situações singulares, mas que alçam um caráter universal.

Guiada por Naomi Lustosa e Jenis Barcelar, esta oficina faz parte da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Unesp. Neste projeto, através de uma abordagem em arte-educação e pelo viés conceitual do afeto (origem na palavra latina *affectus*, que significa disposição, estar inclinado a), busca-se refletir sobre o processo artístico e poético dos participantes e sua sensibilização em contato com a alteridade.

Data: 17 de Maio de 2023

Horário: 14:00 - 17:00

Sala: Ateliê 505 - Instituto de Artes

Dados para formulário:

Nome / Como você gostaria de ser chamade / E-mail / Telefone

Direitos de imagem: Aceito/ Não aceito



Apêndice B

Formulário de inscrição | *Intervenções em Livros*

<https://forms.gle/CYdZXLDZpfV2nfxA7>

Somos capazes de nos afetar pelas palavras e imagens? Somos capazes de nos sensibilizar mesmo em um mundo bombardeado por informações? O que as palavras e as imagens provocam em nós?

Através de uma proposição sensível e coletiva, esta atividade provoca e investiga a ressignificação de palavras e imagens existentes em livros, das mais variadas procedências. A partir de textos e imagens que verbalizam e ilustram experiências e vivências, ao mesmo tempo, singulares e universais, a oficina *Caminhos Possíveis: Intervenções em Livros* propõe ativações para o estabelecimento de conexões entre textos e ilustrações e o imaginário pessoal. Serão disponibilizados livros e materiais diversos para intervenções em técnicas mistas, sendo possível também que o participante traga seu próprio livro, sobre o qual tenha desejo de intervir.

A oficina é oferecida por Naomi Lustosa e Jenis Barcelar e faz parte da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Unesp. Neste projeto, através de uma abordagem em arte-educação e pelo viés conceitual do afeto (origem na palavra latina *affectus*, que significa disposição, estar inclinado a), busca-se refletir sobre o processo artístico e poético dos participantes e sua sensibilização em contato com a alteridade.

Data: 24 e 31 de Maio de 2023

Horário: 14h00 - 17h00

Local: Ateliê 505 - Instituto de Artes

Dados para formulário:

Nome / Como você gostaria de ser chamada / E-mail / Telefone

Direitos de imagem: Aceito / Não aceito



Apêndice C

Cronograma | *Intervenções em Livros*

Dia 1

1. Acolhimento inicial (sejam todos bem vindos e etc)
2. Prática coletiva - Indução da afetividade com o livro
3. Apresentação de conceitos e referências
4. Exposição das materialidades
5. Elaboração do projeto
6. Produção das obras
7. Discussão conjunta

8. Encerramento

Dia 2

1. Acolhimento inicial
2. Discussão conjunta de resgate da semana passada
3. Continuidade do projeto
4. Produção das obras
5. Discussão conjunta
6. Formulário
7. Encerramento

Apêndice D

Formulário de pesquisa | *Intervenções em Fotografias*

Como gosta de ser chamado:

Curso:

Idade:

Gênero:

Contato - Telefone e E-mail:

1. Você tem uma prática artística regular?

☐ Sim

☐ Não

Se sim, qual a frequência?

☐ Diária

☐ Mais de 3 vezes na semana

☐ De 1 a 2 vezes na semana

☐ De 1 a 2 vezes no mês

☐ De vez em quando

☐ Nunca

2. Como foi desenvolver esse trabalho junto a outras pessoas?

- ☐ Muito bom
- ☐ Normal
- ☐ Estranho
- ☐ Indiferente

3. É inspirador para o seu processo criativo ser guiado por arte-educadoras?

- ☐ Muito bom
- ☐ Normal
- ☐ Estranho
- ☐ Indiferente

4. Sentiu que as referências artísticas e conceituais movimentaram seu processo artístico e poético?

- ☐ Muito satisfeito
- ☐ Satisfeito
- ☐ Indiferente
- ☐ Insatisfeito
- ☐ Faltou por demais

5. Os materiais foram suficientes para instigar seu processo artístico?

- ☐ Muito satisfeito
- ☐ Satisfeito
- ☐ Indiferente
- ☐ Insatisfeito
- ☐ Faltou por demais

6. Sentiu falta de algum material?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, quais:

7. O tempo da oficina foi suficiente para o seu processo artístico?

- ☐ Muito satisfeito
- ☐ Satisfeito
- ☐ Indiferente
- ☐ Insatisfeito
- ☐ Faltou por demais

8. Como é a sua relação afetiva com fotografias impressas?

- ☐ Totalmente
- ☐ Parcialmente
- ☐ Quase nada
- ☐ Indiferente

9. Você teve dificuldades de intervir nas fotografias impressas?

- ☐ Totalmente
- ☐ Parcialmente
- ☐ Quase nada
- ☐ Indiferente

10. Quais sentimentos a prática de intervir na fotografia te atravessaram?

- | | | |
|---|-------------------------------------|--------------------------------------|
| ☐ Alívio | ☐ Tristeza | ☐ Êxtase |
| ☐ Indiferença | ☐ Relutância | ☐ Curiosidade |
| ☐ Melancolia | ☐ Plenitude | |
| ☐ Alegria | ☐ Saudosismo | |
| ☐ Tive outro sentimento. Qual: | | |

11. Como é a sua relação afetiva com a escrita poética?

- ☐ Diária
- ☐ Frequente e regular
- ☐ Frequente, mas não regular
- ☐ Quase não pratico
- ☐ Indiferente

12. Você tem hábitos de escrita auto biográfica?

- ☐ Sim ☐ Não

13. Você escolheu usar texto no trabalho desenvolvido?

- ☐ Sim ☐ Não

14. Se sim, como colocou o texto no seu trabalho?

- ☐ Frases/palavras disponibilizadas
☐ Frase/palavras pessoais minhas
☐ Os dois recursos

15. Você sentiu identificação com as fotografias impressas disponibilizadas?

- ☐ Totalmente
☐ Parcialmente
☐ Quase nada
☐ Indiferente

16. Você sentiu identificação com as escritas disponibilizadas?

- ☐ Totalmente
☐ Parcialmente
☐ Quase nada
☐ Indiferente

17. Num geral, sua prática artística é biográfica?

- ☐ Sim ☐ Não

18. Você conseguiu se conectar consigo nesta oficina?

- ☐ Sim ☐ Não

Se não, acredita que o fato de estar compartilhando seu processo com outras pessoas atrapalhou nesta conexão?

- ☐ Sim
☐ Um pouco
☐ Não

Se sim, você acredita que a conexão consigo mesmo gerada nesta oficina afetará seus processos artísticos futuros?

- ☐ Com certeza
- ☐ Provavelmente
- ☐ Nem um pouco

19. E na conexão com seu processo autorreflexivo?

- ☐ Com certeza
- ☐ Provavelmente
- ☐ Nenhum pouco

21. E na relação com outras pessoas?

- ☐ Com certeza
- ☐ Provavelmente
- ☐ Nenhum pouco

22. Comente um pouco sobre o que achou da experiência e como se sentiu afetado pelas imagens visuais e textuais?

*Agradecemos à sua participação <3
Naomi e Jenis*

Apêndice E

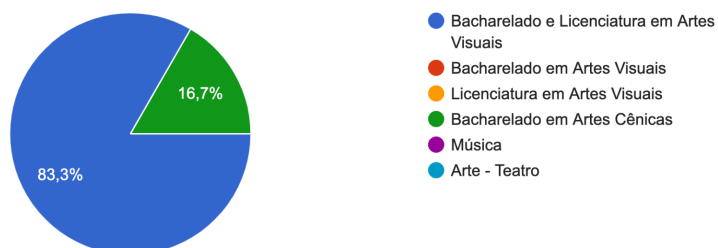
Balanco de respostas do Formulário de Pesquisa | *Intervenções em Fotografias*

Gráfico 1 a 27 - Respostas do Formulário de Pesquisa

Fonte: Acervo pessoal (2023)

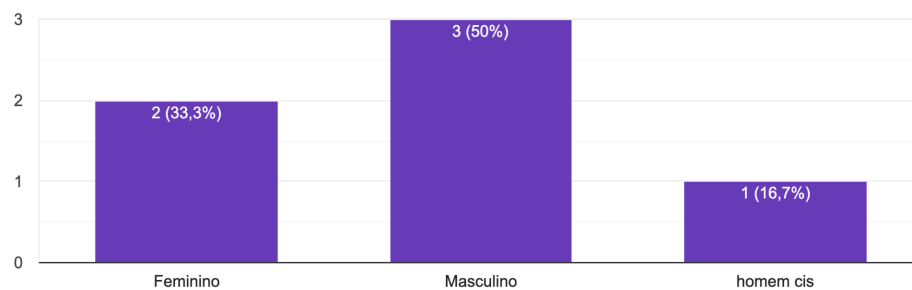
Nome	Idade
6 respostas	6 respostas
Ale	58
Ailton	29
Alyce Luna	21
João	23
Ramon	32
Zocchio	24

Curso
6 respostas

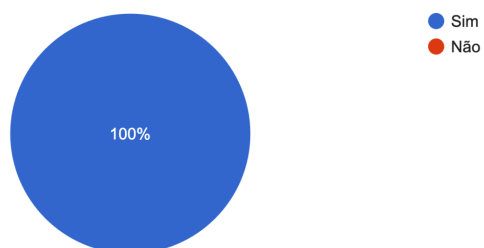


Gênero

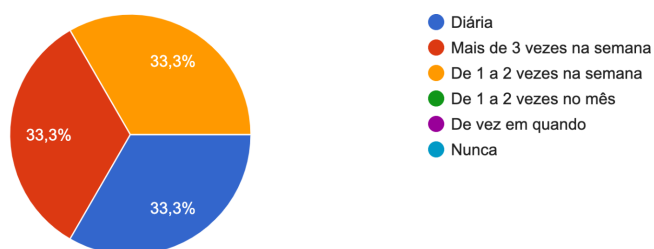
6 respostas

**1. Você tem uma prática artística regular?**

6 respostas

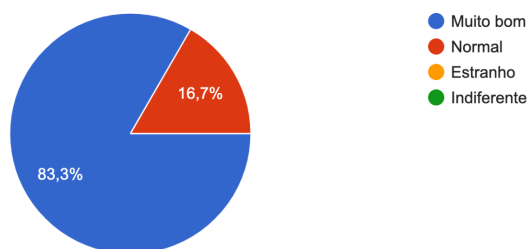
**Se sim, qual a frequência?**

6 respostas



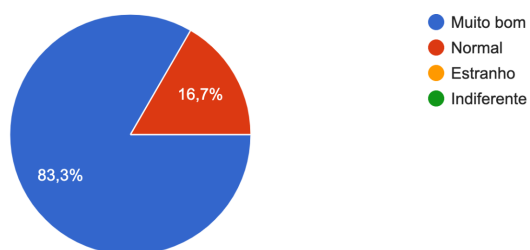
2. Como foi desenvolver esse trabalho junto a outras pessoas?

6 respostas



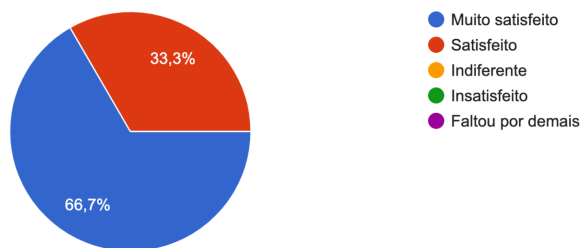
3. É inspirador para o seu processo criativo ser guiado por arte-educadoras?

6 respostas



4. Sentiu que as referências artísticas e conceituais movimentaram seu processo artístico e poético?

6 respostas



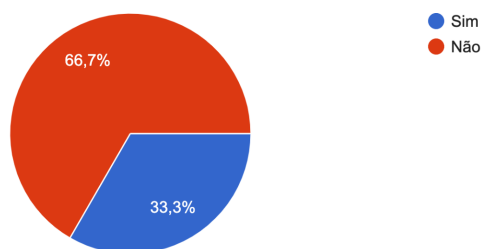
5. Os materiais foram suficientes para instigar seu processo artístico?

6 respostas



6. Sentiu falta de algum material?

6 respostas



Se sim, quais:

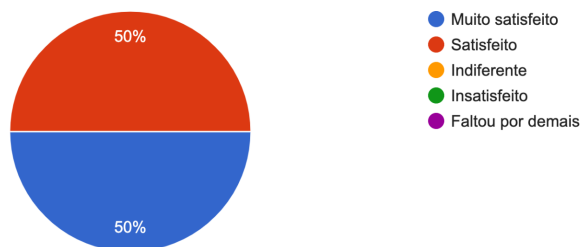
2 respostas

Coisas grandes para ampliar as fotos

fita crepe, compasso

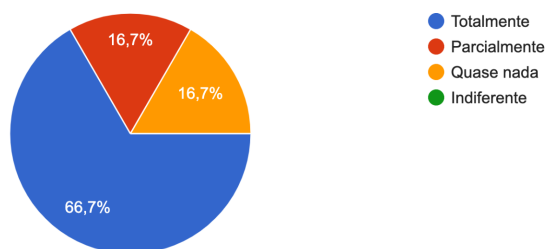
7. O tempo da oficina foi suficiente para o seu processo artístico?

6 respostas



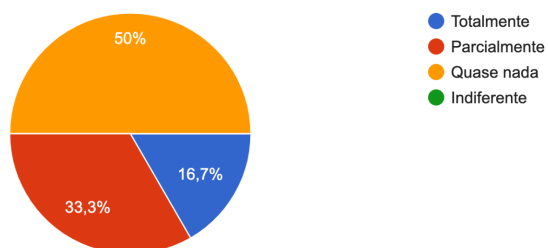
8. Como é a sua relação afetiva com fotografias impressas?

6 respostas



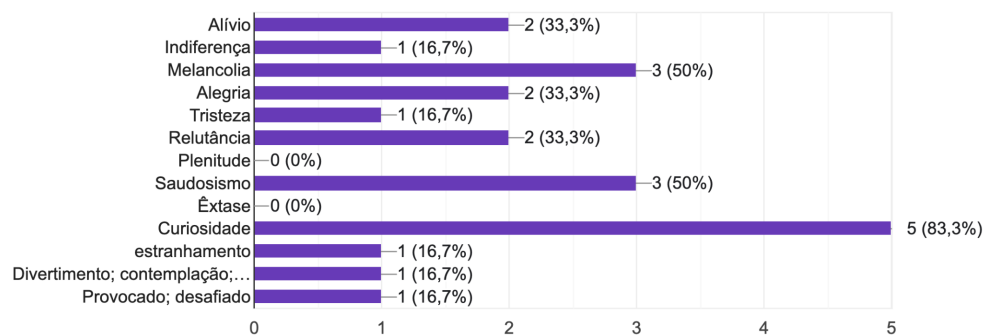
9. Você teve dificuldades de intervir nas fotografias impressas?

6 respostas



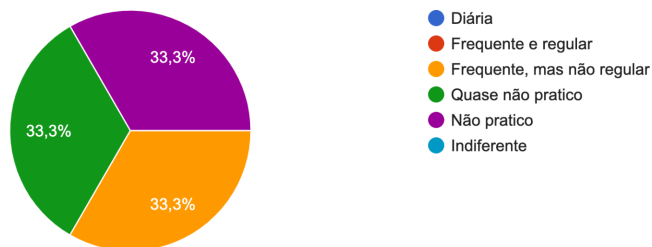
10. Quais sentimentos a prática de intervir na fotografia te atravessaram?

6 respostas



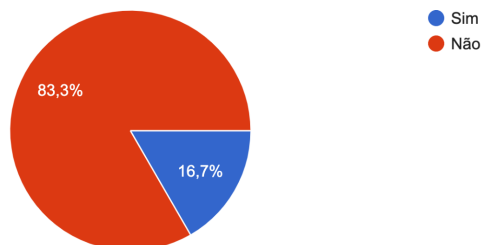
11. Como é a sua relação afetiva com a escrita poética?

6 respostas



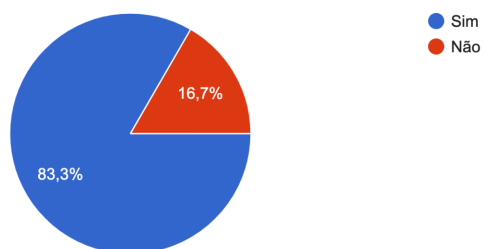
12. Você tem hábitos de escrita auto biográfica?

6 respostas



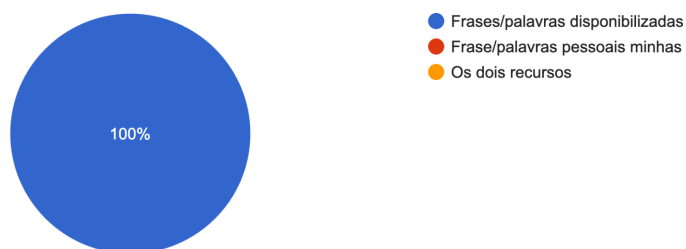
13. Você escolheu usar texto no trabalho desenvolvido?

6 respostas



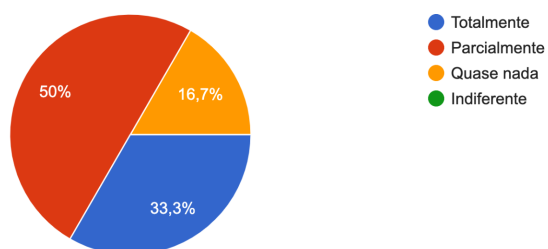
14. Se sim, como colocou o texto no seu trabalho?

5 respostas



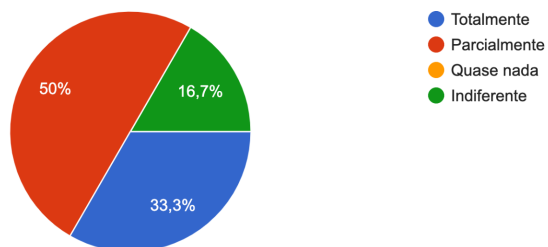
15. Você sentiu identificação com as fotografias impressas disponibilizadas?

6 respostas



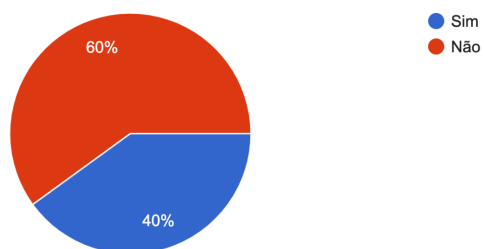
16. Você sentiu identificação com as escritas disponibilizadas?

6 respostas



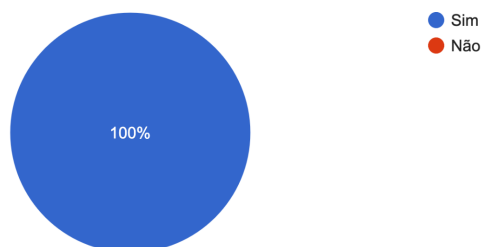
17. Num geral, sua prática artística é biográfica?

5 respostas



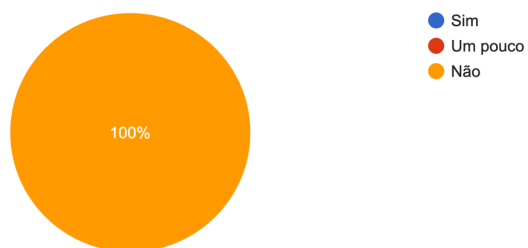
18. Você conseguiu se conectar consigo nesta oficina?

6 respostas



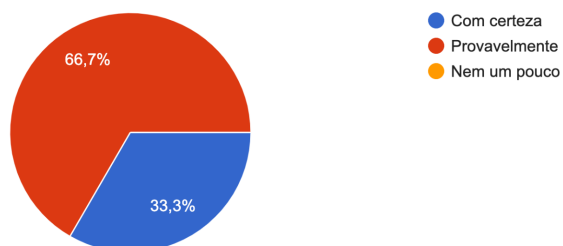
Se não, acredita que o fato de estar compartilhando seu processo com outras pessoas atrapalhou nesta conexão?

2 respostas



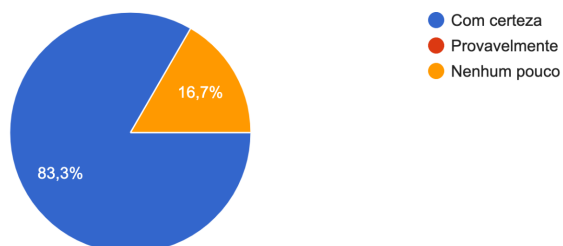
Se sim, você acredita que a conexão consigo mesmo gerada nesta oficina afetará seus processos artísticos futuros?

6 respostas



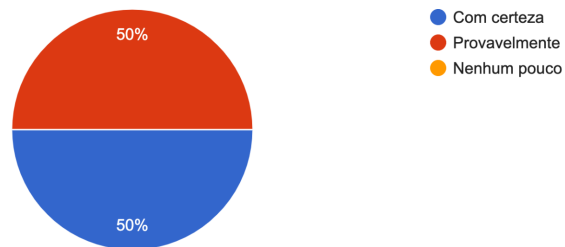
19. E na conexão com seu processo autorreflexivo?

6 respostas



21. E na relação com outras pessoas?

6 respostas



Apêndice F

Formulário de Pesquisa | *Intervenções em Livros*

Como gosta de ser chamado(a):

Curso:

Idade:

Gênero:

Contato - Telefone e E-mail:

1. Você tem uma prática artística regular?

☐ Sim

☐ Não

Se *sim*, qual a frequência?

☐ Diária

☐ Mais de 3 vezes na semana

☐ De 1 a 2 vezes na semana

☐ De 1 a 2 vezes no mês

☐ De vez em quando

☐ Nunca

2. Como foi desenvolver esse trabalho junto a outras pessoas?

☐ Muito bom

- ☐ Normal
- ☐ Estranho
- ☐ Indiferente

3. É inspirador para o seu processo criativo ser guiado por arte-educadoras?

- ☐ Muito bom
- ☐ Normal
- ☐ Estranho
- ☐ Indiferente

4. Sentiu que as referências artísticas e conceituais movimentaram seu processo artístico e poético?

- ☐ Muito satisfeito
- ☐ Satisfeito
- ☐ Indiferente
- ☐ Insatisfeito
- ☐ Faltou por demais

5. Os materiais foram suficientes para instigar seu processo artístico?

- ☐ Muito satisfeito
- ☐ Satisfeito
- ☐ Indiferente
- ☐ Insatisfeito
- ☐ Faltou por demais

6. Sentiu falta de algum material?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se *sim*, quais:

7. O tempo total da oficina foi suficiente para o seu processo artístico?

- ☐ Muito satisfeito
- ☐ Satisfeito
- ☐ Indiferente
- ☐ Insatisfeito
- ☐ Faltou por demais

8. A pausa entre os encontros da oficina contribuiu para a elaboração e construção do seu projeto?

- ☐ Totalmente
- ☐ Parcialmente
- ☐ Quase nada
- ☐ Indiferente

9. Qual foi o critério de escolha do livro que você usou na oficina?

10. Que aspectos do livro escolhido influenciaram na sua escolha?

- ☐ Imagens
- ☐ Título
- ☐ Capa
- ☐ Texto
- ☐ Outros. Quais?

11. Você teve dificuldades de intervir nos livros?

- ☐ Totalmente
- ☐ Parcialmente
- ☐ Quase nada
- ☐ Indiferente

12. Quais sentimentos a prática de intervir em livros te atravessaram?

- | | | |
|---|-------------------------------------|--------------------------------------|
| ☐ Alívio | ☐ Tristeza | ☐ Êxtase |
| ☐ Indiferença | ☐ Relutância | ☐ Curiosidade |
| ☐ Melancolia | ☐ Plenitude | |
| ☐ Alegria | ☐ Saudosismo | |
| ☐ Tive outro sentimento. Qual: | | |
-
-

13. No início da oficina, tivemos um diálogo sobre os livros que nos remetem a momentos afetivos e que chamam a nossa atenção. Você escolheu intervir:

- ☐ Livro que chamou atenção nessa conversa
- ☐ Escolhi outro
- ☐ Escolhi um livro que trouxe de casa

14. Quais aspectos do livro escolhido mais impulsionaram a sua prática?

Texto:

- ☐ Tamanho e cor da letra
- ☐ Diagramação

Imagens:

- ☐ Cores
- ☐ Fotos
- ☐ Desenhos
- ☐ Dimensões
- ☐ Posicionamento em relação ao texto

Materialidade:

- ☐ Dimensão do livro
- ☐ Tipo de papel
- ☐ Ano da edição
- ☐ Tipo de capa (dura, mole)

Outros:

Relate um pouco o por quê da escolha:

15. Os materiais e processos escolhidos para intervenção tem relação clara com o conceito do projeto?

- ☐ Totalmente
- ☐ Parcialmente
- ☐ Quase nada
- ☐ Indiferente

16. Você encontrou dificuldades para escolher uma prática/técnica de intervenção?

- ☐ Sim, com certeza
- ☐ Sim, um pouco
- ☐ Não
- ☐ Não, nem um pouco

17. De 0 a 10, o quanto você classificaria a sua prática artística como biográfica?

18. Esta oficina favoreceu a conexão com questões pessoais, biográficas?

☐ Sim

☐ Não

Se sim, acredita que a experiência vivenciada nesta oficina poderá influenciar em sua prática artística?

☐ Com certeza

☐ Provavelmente

☐ Nem um pouco

Se não, acredita que o fato de estar compartilhando seu processo com outras pessoas atrapalhou nesta conexão?

☐ Sim

☐ Um pouco

☐ Não

19. Comente um pouco sobre o que achou da experiência e como ela te atravessou:

Agradecemos a sua participação!
Naomi e Jenis <3

Apêndice G

Apresentação teórica do encontro | *Intervenções em Fotografias*

 Caminhos Possíveis - Intervenções em Fotografias.pdf

Apêndice H

Apresentação teórica do encontro | *Intervenções em Livros*

 Caminhos Possíveis - Intervenções em Livros.pdf

Apêndice I

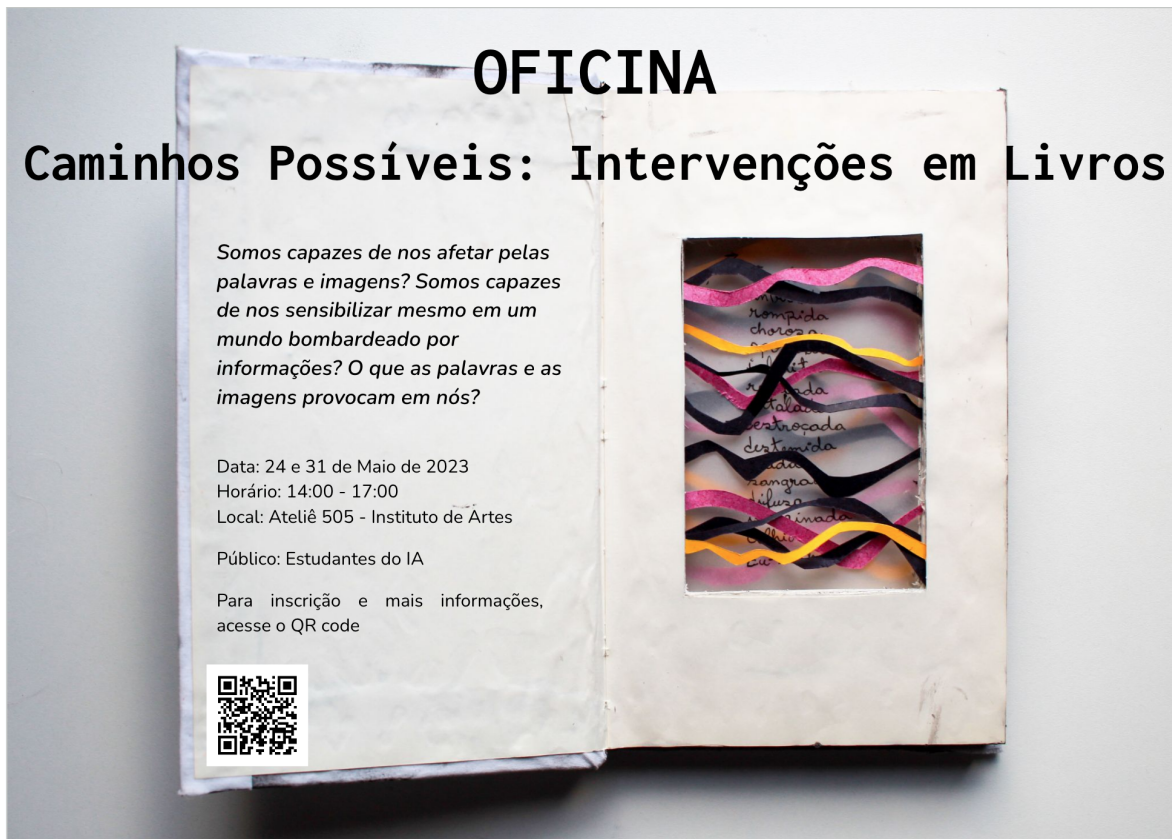
Flyer de divulgação

Figura 19 - Flyer de divulgação da oficina *Caminhos Possíveis: Intervenções em Fotografias* distribuído pelo Instituto de Artes UNESP



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 20 - Flyer de divulgação da oficina *Caminhos Possíveis: Intervenções em Livros* distribuído pelo Instituto de Artes UNESP



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Apêndice J

Trabalho em versão impressa

Figura 21 e 22 - Impressão manual do Trabalho de Conclusão de Curso "***Entre o Imagético e o Poético: O Afeto como Caminho Possível na Educação Artística***".



Três exemplares. Encadernação artesanal produzida com papel paraná, tecido de algodão tingido com hibisco, cúrcuma e urucum e escrita a mão. Guardas internas e marca páginas produzidas com colagens manuais originais - Autoria de Jenis Barcelar e Naomi Lustosa. (foram produzidas duas guardas e um marca páginas para cada exemplar) Folha de guarda em papel vegetal. Miolo impresso em papel sulfite 75g, papel reciclado 180g e papel fotográfico fosco. Toda montagem e acabamentos foram feitos manualmente.

Fonte: Fotografia autoral. Acervo pessoal (2023)



Impressão manual do Trabalho de Conclusão de Curso "**Entre o Imagético e o Poético: O Afeto como Caminho Possível na Educação Artística**" e marca página.

Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 23 e 24 - Guarda interna produzida com colagens manuais originais



Autoria de Jenis Barcelar e Naomi Lustosa.

Fonte: Acervo pessoal (2023)



Autoria de Jenis Barcelar e Naomi Lustosa.

Fonte: Acervo pessoal (2023)